



# PUC RIO

MAURO RECHTAND

A PULSÃO NA PSICOSE:  
UMA ARTICULAÇÃO POR SE CONCLUIR

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

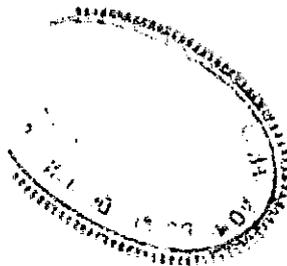
N.Cham. 150 R297 TESE UC  
Título A pulsão na psicose



Ex.1 PUCB

0098891

MAURO RECHTAND



A PULSÃO NA PSICOSE:  
UMA ARTICULAÇÃO POR SE CONCLUIR

Dissertação apresentada ao Departamento  
de Psicologia da PUC/RJ como parte  
dos requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia Clínica

Orientador: Octávio Souza

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1996

UC 69599-4



150  
R297  
TESE UC



À memória do meu querido irmão Nilton.

## Meus agradecimentos

- a Octávio Souza, orientador da dissertação, pelo apoio permanente e atenção cuidadosa;
- a Stella Jimenez e Neuza Santos Souza, pela interlocução profícua e pela disponibilidade;
- aos professores, colegas e funcionários do Departamento de Psicologia da PUC/RJ pela atenção e estímulo;
- ao CAPES, pelo apoio financeiro à realização do curso;
- a Maria Sílvia, pela escuta atenta;
- aos amigos da Associação Casa Verde, pela oportunidade de desenvolvermos uma prática ética transformadora, além do carinho e amizade crescentes;
- ao Jaques, meu irmão, exemplo a ser acompanhado;
- ao Bruno e à Tati, pela força do afeto e pelas surpresas que a cada encontro desvelamos juntos;
- aos meus pais, por tudo;
- aos meus alunos, com quem busco alguma clareza para desconstruir certezas e
- aos meus clientes, com quem aprendo a esquecer do sabido por se ter feito obsoleto.

## RESUMO

As estruturas clínicas na psicanálise diferenciam-se pelo modo particular de constituição do sujeito em sua relação com a linguagem. Sendo o conceito de pulsão o que promove a articulação entre o corpo e o domínio do simbólico, devem-se esperar particularidades nas manifestações das pulsões no campo das psicoses, em que o simbólico se constitui à margem da instauração de uma Lei. O estudo daquelas particularidades é o objetivo desta dissertação. Abordamos, inicialmente, as características de instauração e funcionamento do registro pulsional. Em seguida, acompanhamos os desenvolvimentos realizados por Freud e Lacan no estudo sobre as psicoses, ressaltando seu modo específico de relação com o Outro que se apresenta ao sujeito como uma exterioridade. Finalmente procedemos à análise de alguns trechos de um escrito de um paranoíco. Concluimos que as particularidades da manifestação da pulsão expressam diretamente o modo de relação que o sujeito estabelece com o Outro da linguagem.

## ABSTRACT

Clinical structures in psychoanalysis differ by the specific manner that constitutes the subject in its relation to the language. Considering that it is the drive that promotes the articulation between the body and the domain of the symbolic, particularities in the field of psychoses where the symbolic constitutes itself outside the creation of a law, are to be expected. The study of those particularities is the aim of this dissertation. We refer initially to the characteristics of the establishment and functioning of the drive range. Afterwards we follow the development realized by Freud and Lacan in the study of the psychosis, stressing its specific mode of relation with the Other that presents itself to the subject as something external. Finally we proceed with the analysis of some passages extracted from the writing of a paranoiac. We conclude that particularities of the drive manifestation directly express the manner of relation that the subject establishes with the Other of the language.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - PULSÃO.....	4
3 - PSICOSE.....	29
4 - A PULSÃO NA PSICOSE.....	71
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

## INTRODUÇÃO

O conceito de pulsão<sup>1</sup> pode ser considerado um dos conceitos fundamentais no corpo teórico da psicanálise (cf. Lacan, 1973). Promovendo articulação, bastante complexa, entre pólos como quantidade e qualidade, energia e representação, ou corpo e mente, permanece fonte inesgotável de textos e discussões - talvez dando prova de seu caráter radicalmente inovador, a apresentar ruptura com padrões de pensamento ainda correntes, de grande influência cartesiana, em que se isolam duas substâncias imiscíveis: corpo e espírito (cf. Descartes, 1637).

A formulação do conceito de pulsão busca sustentar teoricamente um fato clínico inusitado, ao qual Freud vinha tendo acesso em sua clínica com as histéricas: o da existência de uma ligação de seu corpo ao campo da palavra, das representações (cf. Bercherie, 1988). A evidência clínica da existência de uma efetividade terapêutica de uma fala sobre um sintoma, de início corporal, só poderá ser estudada, pela psicanálise, a partir da pressuposição da noção de pulsão (cf. Rozenthal, 1992). Na construção do conceito de pulsão avizinham-se mente e corpo: será o campo das representações que franqueará, na teoria, os limites entre estas duas dimensões. Toda a teorização freudiana, portanto, desde conceitos básicos como inconsciente ou recalque, pressuporá a idéia de pulsão (cf. Birman, 1991, p. 59). A compreensão psicanalítica das neuropsicoses sustentar-se-á, portanto, no conceito de pulsão - indissociável de sua referência ao campo das representações.

---

<sup>1</sup>Neste dissertação, trabalharemos com a tradução do termo *Trieb* por pulsão, diferentemente da Edição Standard, que o traduz por instinto.

Ao se deter em estudar as psicoses em seu seminário terceiro, Lacan (1981) aponta para uma relação diferenciada do psicótico com o campo da linguagem. Trabalhando com os conceitos de significante - que se pode aproximar da noção de representação em Freud (cf. Garcia-Roza, 1995) - e simbólico - o registro em que os significantes se articulam - Lacan assinalará que, apesar de presente no sujeito psicótico, o registro do simbólico aí apresentará características bastante particulares em seu modo de funcionamento: o simbólico, nas psicoses, apresenta-se com especificidades próprias, decorrentes da falta de operação da metáfora paterna (cf. Lacan, 1959).

Partindo da premissa da existência de uma implicação dos significantes na configuração do registro pulsional e, ainda, da constatação de especificidades do funcionamento do simbólico junto nos sujeitos psicóticos, propomo-nos a estudar as possíveis particularidades do registro pulsional no campo das psicoses.

Neste percurso, no primeiro capítulo desta dissertação, pontuaremos alguns dos momentos significativos da obra freudiana para uma compreensão da constituição do conceito de pulsão em Freud. Buscaremos, ainda, utilizando-nos também das contribuições trazidas por Lacan, verificar algumas relações com elementos da teoria psicanalítica - como sujeito e objeto - que se podem tentar estabelecer a partir do próprio funcionamento da pulsão. Desde que nosso propósito centra-se na verificação das articulações da pulsão com o registro do simbólico, optamos por não abarcar, em nosso estudo, as teorizações sobre a pulsão de morte.

No segundo capítulo, nosso objeto de estudo é a psicose. Rastreamos as incursões freudianas na questão e, em seguida, abordaremos as formulações sobre psicose apresentadas por Lacan. Na obra de Lacan, restringiremos a pesquisa a uma fase de sua produção teórica em que o registro priorizado é o do

simbólico. Desta forma, não incluiremos em nossa pesquisa as formulações lacanianas que se centram diretamente numa abordagem do real, bastante posteriores.

Finalmente, no terceiro capítulo, após tentarmos articular as contribuições teóricas recolhidas nos dois capítulos iniciais desta dissertação, partiremos à leitura das memórias do presidente Schreber (1903), à cata de elementos em que possamos verificar as particularidades do funcionamento das pulsões nas psicoses.

Dado verificarmos que a aplicação do método psicanalítico, com modificações, ao campo das psicoses, é cada vez mais disseminado, acreditamos que a elaboração teórica sobre os conceitos psicanalíticos neste campo pode contribuir para a reflexão sobre as especificidades da clínica psicanalítica com psicóticos.

## PULSÃO

Com o aprimoramento dos meios diagnósticos de semiologia neurológica e sua criteriosa aplicação junto às histéricas, apresentava-se verdadeiro enigma ao discurso científico do final do século XIX: aos sintomas corporais histéricos - já diferenciáveis clinicamente dos sintomas neurológicos - não correspondia qualquer lesão orgânica que os justificasse: uma paralisia de mão, por exemplo, teria o contorno daquilo que é representado como uma mão, jamais o que se deveria esperar a partir do conhecimento da distribuição dos nervos revelada pela anatomopatologia. O modelo anátomo-clínico, tão difundido à época, emperrava quando aplicado à histeria. Revelava-se, ainda, uma inusitada efetividade terapêutica da palavra sobre aqueles mesmos sintomas: poderiam ser supostos decorrentes de alterações na esfera mental, das idéias, das representações (cf. Bercherie, 1988).

Freud deparava-se, em sua clínica com as histéricas, com estes impasses, no confronto com os quais erigiu sua construção. O conceito de pulsão, básico na teoria psicanalítica, buscará articular teoricamente esta forma de relação mente-corpo que se vinha desvelando numa clínica que implicava as histéricas com suas palavras. A partir desta nova forma de articulação mente-corpo cada um destes elementos adquire significação particular, própria do campo psicanalítico: assim como a idéia de mente com que trabalha a psicanálise diferencia-se daquelas até então conhecidas, pode-se afirmar que, através do conceito de pulsão, liga-se aquela a um corpo de características bastante específicas, referido não mais ao campo da biologia, mas diretamente aos elementos do universo conceitual psicanalítico. O corpo de que se trata na psicanálise é um corpo com o qual Freud

já se confrontava nos primórdios da psicanálise, trazido à cena pelas histéricas. Como afirma Lacan:

"uma estrutura, a da linguagem - como a palavra o comporta -, ... uma estrutura recorta seu corpo, e que nada tem a ver com a anatomia. Testemunha a histérica" (1974, p. 19).

Este é um corpo atravessado pelo significante, recortado pela linguagem, portanto um corpo ao qual não se aplica qualquer perspectiva naturalista: é um corpo produzido em sua relação com a linguagem e o recorte do corpo pela estrutura da linguagem deve, em verdade, ser compreendido como a própria constituição deste corpo enquanto tal.

Tomemos o texto inicial em que Freud tematiza sobre a pulsão, os "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905). O primeiro destes ensaios tem como objeto de estudo as aberrações sexuais - aí incluídas a inversão (em que o objeto da pulsão seria pessoa do mesmo sexo) e as perversões (em que o objetivo a ser atingido é diferente da união sexual) - assim tomadas em referência ao ideal corrente de uma sexualidade normal e natural. Freud contrapõe às visões que se centravam nos aspectos biológicos, de degenerescência ou hereditariedade, a dimensão que se revela nos relatos de análise. Abre-se a possibilidade de compreensão das aberrações a partir de sua história - que o sujeito relata - adquirindo tais variações da norma uma dimensão de historicidade que aponta inexoravelmente para uma relação do corpo - as pulsões, seus objetos e objetivos - com a apreensão que o sujeito tem das experiências: variarão os componentes da pulsão, aí incluindo seus objetos e objetivos, de acordo com o "condições exteriores" (p. 137) e a "oportunidade" (p.149), por exemplo. Freud assinalará a imensa variedade de objetos tomados pela pulsão sexual, deduzindo, daí, que se

deve "afrouxar o laço que, em nossos pensamentos, estabelecemos entre o instinto e o objeto" (p. 149). Ganha terreno a possibilidade de se introduzir uma inteligibilidade diferente da oferecida pelos saberes científicos, à época, no estudo das aberrações sexuais: o corpo aparece, então, claramente marcado pelas experiências vividas, constituindo-se como local de precipitação e sedimentação, sempre referidas à história que o sujeito constrói em seu discurso. Além disso Freud vai, cuidadosamente, apontando para a proximidade que se verifica entre manifestações da sexualidade tidas como normais e o conteúdo das aberrações: seus objetos e objetivos não são necessariamente diferentes entre si (cf. p. 162). Deste modo, pode-se tomar, a partir do discurso do sujeito, a configuração do registro pulsional como produto de experiências vividas por este mesmo sujeito no curso da história relatada; resultado da articulação das disposições constitucionais com elementos de experiência (cf. p.167). Nesta perspectiva, torna-se compreensível que Freud passasse a estudar manifestações da sexualidade na infância, período em que, a partir de relatos de análise, são encontradas experiências significativas que se articulariam à disposição pulsional apresentada.

No segundo dos "Três ensaios...", Freud (1905) tematizará sobre a sexualidade infantil. Tomará como protótipo o chupar o dedo: esta atividade, considerada sexual, é determinada "pela busca de algum prazer que já foi experimentado e é agora lembrado" (p. 186): a pulsão sexual buscará reencontrar *algum prazer que já fôra experimentado quando de sua instauração como tal*. O que se tentará repetir, através da pulsão sexual, será o prazer obtido numa experiência de satisfação: expressão utilizada por Freud no "Projeto para uma psicologia científica" (1950e) ao descrever o processo através do qual, a partir de um acúmulo, no sistema psíquico, de energia proveniente do interior do

organismo, e contando com a "assistência alheia ... de uma pessoa experiente" (p. 422), consegue o "desamparado" (p. 422) livrar-se da tensão acumulada. Gostaríamos de ressaltar que a concepção da instauração da sexualidade como busca de reexperimentar alguma satisfação previamente experimentada - ou seja, uma satisfação obtida anteriormente à instauração do registro sexual - coloca, de início, esta satisfação como perdida - a sexualidade buscará reencontrar uma satisfação que é anterior à sua própria instalação como tal.

Cabe ressaltar que a experiência de satisfação, em 1905, é tomada por Freud como a satisfação de uma necessidade:

"É fácil também *adivinhar* as ocasiões em que a criança teve suas primeiras experiências do prazer, que agora luta por *renovar*. Foi a sua primeira e mais vital atividade, sugando o seio da mãe ou substitutos dele, que deve tê-la familiarizado com este prazer".

(Freud, 1905, p. 186 - grifos nossos)

O texto de Freud é bastante claro: é partindo da suposição de que na busca de uma satisfação sexual se tenta repetir uma satisfação prévia que Freud *inferirá* que esta satisfação fôra atingida quando da satisfação de uma necessidade vital. Nesta construção, portanto, superpõem-se dois pressupostos: o primeiro, de que teria havido uma satisfação que se tenta repetir; o segundo, localiza esta satisfação na satisfação da necessidade vital.<sup>2</sup> Se o sexual é suposto atingir uma satisfação que pela incessante repetição ou pela inconsistência dos resultados parece inalcançável, a hipótese da existência prévia/perdida desta satisfação se faz uma hipótese necessária na teoria. À satisfação, perdida, corresponderia um

---

<sup>2</sup>Gostaríamos de assinalar que nesta construção, aparentemente, não se leva em conta a participação daquele que cuida da criança. Adiantamos uma questão: não poderíamos pensar que a satisfação que se quer repetir é a satisfação que teria sido experimentada por esta outra pessoa?

objeto, perdido - ambos apresentam um caráter de necessidade lógica na constituição da teoria psicanalítica; como afirma Lacan, referindo-se a este objeto: "nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo" (1986, p. 76). Freud promove, desta forma, um deslocamento radical, passando o humano, desde a instauração da sexualidade, do registro da *satisfação da necessidade*, orgânica, ao da *necessidade de satisfação*, sexual: no que tange ao sexual, a partir destas formulações freudianas iniciais, o que entra em jogo é uma necessidade de se obter a satisfação.

É importante ressaltarmos que a noção de satisfação só encontra sentido a partir da suposição de um estado de necessidade anterior: a suposição de uma satisfação implica, necessariamente, alguma insatisfação prévia; ausente uma insatisfação, não se poderia supor qualquer satisfação. Mais ainda, cabe frisar que tanto uma quanto a outra - satisfação e insatisfação - só se podem conceber *a posteriori*. Será somente a partir da transformação de determinado estado que o que se apresentara antes poderá ser percebido como insatisfação. Deste modo, se para a instauração de uma satisfação é pressuposta uma insatisfação, esta somente poderá ser caracterizada a partir de sua contraposição a um estado de satisfação. É importante ressaltarmos esta perspectiva não naturalizante da noção de satisfação: não faz sentido referência a qualquer estado de insatisfação natural a esperar por aquilo que o satisfaria - ao menos no que se refere à ordem do humano.

Na concepção freudiana da primeira satisfação, construção teórica implicada no modelo que visa a dar conta da instauração da sexualidade na história do sujeito, um dado fundamental deve ser levado em conta: a experiência de satisfação é atingida através da participação "do seio da mãe ou substitutos

dele" (Freud, 1905, p.186); como afirma Lacan, "a experiência de satisfação do sujeito é inteiramente suspensa ao outro" (Lacan, 1986, p.53). Uma primeira leitura apontaria para a necessária e evidente participação do outro no atendimento a uma necessidade orgânica. Tomando-se em conta os elementos trazidos no parágrafo anterior, podemos buscar outras conseqüências deste modelo de experiência de satisfação. Primeiramente, podemos afirmar que - em cabendo ao outro a função de satisfazer a necessidade - será a partir deste mesmo outro que se introduzirá a perspectiva de uma satisfação possível do que virá a se apresentar como uma necessidade insatisfeita. É somente a partir de uma experiência de satisfação introduzida pelo outro que tais noções tomam algum sentido: o outro não satisfaz uma necessidade prévia insatisfeita: ele transforma determinado estado, a partir de sua modificação, em insatisfação que se pôde satisfazer.

Neste mesmo movimento em que introduz a dimensão da satisfação - e da insatisfação - pode-se perceber que se introduz uma outra vertente na constituição do aparelho psíquico: a dimensão da falta. Se é possível - ainda que apenas miticamente - a dimensão da satisfação, podemos pensar que esta virtualidade imediatamente remete à instauração de um lugar de falta: seja a falta de uma satisfação possível, seja a falta daquilo que poderia conduzir à satisfação ou, ainda, daquilo que garantiria que, em se repetindo a experiência, o mesmo caráter de satisfação se faria presente. Se prosseguirmos no movimento descrito por Freud (1950e), perceberemos que, a partir da experiência de satisfação, o aparelho psíquico, aí se constituindo, tenderá a evitar a repetição da experiência<sup>3</sup> - ainda que a possibilidade de repetição, a se revelar como da ordem do traumático, esteja sempre a perturbar e a orientar; em sua evitação, os

---

<sup>3</sup>Na busca da experiência de satisfação deparamo-nos, *no caminho*, com uma experiência traumática.

encaminhamentos realizados pelo aparelho psíquico (cf. Lacan, 1986, p.76). Esta dimensão da satisfação, tomada como fenômeno da ordem do gozo,<sup>4</sup> é reveladora dos paradoxos implicados nos modelos freudianos de constituição e funcionamento do aparelho psíquico: aquilo que se busca repetir é da mesma ordem do que não se pára de evitar.

Devemos atentar para o fato de que - em sendo o outro quem toma os movimentos e gritos da criança como manifestação de uma necessidade, desta forma atribuindo-lhe sentido e objetivos aos quais buscará satisfazer, *dai instaurando-se a dimensão sexual como a tentativa de se repetir uma experiência de satisfação* (cf. Freud, 1905, p. 186) - neste movimento do outro de tentar satisfazer as necessidades da criança estará diretamente implicada uma satisfação própria ao outro. Terá papel fundamental, portanto, na produção e erogenização do corpo, com a instauração da perspectiva de se repetir uma experiência de satisfação, o valor que o outro atribui a esta satisfação.

Retomemos os "Três ensaios..." em que, a partir do modelo tomado de chupar o dedo, Freud (1905) caracterizará a sexualidade infantil como autoerótica - no texto de 1905 definida como aquela em que "o instinto não é dirigido para outras pessoas, mas obtém satisfação no corpo do próprio indivíduo" (p. 186), ou seja, não apresentaria nenhum objeto estranho ao corpo do sujeito: "o que a psicanálise considera o ponto essencial não é a gênese da excitação e sim a questão de sua relação com um objeto", afirma Freud, referindo-se ao autoerotismo, em nota acrescentada em 1920 (p. 186). Diante da enorme variedade de

---

<sup>4</sup> Conceito introduzido por Lacan, baseando-se na *Befriedung* (satisfação) freudiana. Ao contrário de seu uso coloquial - e até do que faziam Freud e mesmo Lacan antes de sua conceitualização - não remete ao conceito de prazer. Enquanto este remete à diminuição do nível de tensão, o gozo refere-se a um aumento descontrolado de energia no aparelho psíquico. A possibilidade de acesso ao gozo, portanto, corresponde à não eficácia da regulação exercida pelo princípio do prazer (cf. Lacôte, 1993, pp. 127-128 e Braunstein, 1990).

objetos de que se pode utilizar a pulsão sexual, Freud já afirmara, no primeiro ensaio, que "parece provável que o instinto sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto" (p.149); portanto, o objeto é algo que se acrescentará à pulsão, num tempo posterior à instauração do registro sexual. Freud (1914) partindo de diversas situações clínicas - como a esquizofrenia e o homossexualismo - proporá que entre o auto-erotismo, sem objeto, e a possibilidade de catexização de objetos externos interpõe-se necessariamente uma catexização maciça do ego - instância psíquica que será diretamente relacionada à imagem corporal (cf. Freud, 1923, p. 40 *n*) - no que se constitui como narcisismo primário. Este representa um momento logicamente necessário na passagem do anobjetal ao objetal e implica a formação da instância do ego.

Tomemos algumas contribuições trazidas por Lacan no que se refere à constituição do ego. Desde o texto "O estágio do espelho como formador da função do eu" (Lacan, 1949), o ego é tomado como do registro do imaginário<sup>5</sup>, lugar de desconhecimento: à dispersão em que se apresenta o *infans* - aí atribuída à sua prematuração neurológica - sobrepõe-se uma imagem unificadora, antecipatória, percebida no espelho e que, tomada como própria, configura o ego. No primeiro ano de seu seminário, em 1953, Lacan aborda novamente a questão da constituição do ego - não mais sobre bases fisiológicas - utilizando-se de um esquema óptico para ilustrar suas formulações (cf. Lacan, 1975, p. 147). Neste contexto, a dispersão, que fôra atribuída à prematuração, é retomada, num viés estritamente psicanalítico, como referida ao registro pulsional, em que as zonas erógenas apresentam-se independentes umas das outras. As pulsões, no esquema

---

<sup>5</sup>Um dos três registros com que trabalha Lacan (além do simbólico e do real), de que se pode tomar como referência a imagem, elemento de contornos definidos, sem falhas ou interrupções, integrado e completo. Com tais características tende a encobrir a castração - no mesmo movimento em que a denuncia pelo próprio fato do encobrimento.

forjado neste seminário - o esquema do vaso invertido - são representadas como um buquê de flores, em torno das quais se formará uma imagem real produzida pela reflexão, num espelho côncavo, da imagem de um vaso que se encontra em posição invertida em relação às flores e escondido por detrás de um suporte opaco. Aquela imagem real do vaso, ao ser refletida, juntamente com as flores, por um espelho plano - que representaria o registro do simbólico<sup>6</sup> - envolve a imagem das flores e, segundo Lacan, corresponde ao ego. Com o ego, portanto, produz-se uma imagem integradora das zonas erógenas, a imagem de um corpo unificado: as zonas erógenas permanecerão independentes umas das outras, mas o sujeito terá uma apreensão unificada de seu corpo, adquirida a partir da imagem do semelhante.<sup>7</sup> Aquela imagem, o ego, será, segundo o apresentado em "Sobre o narcisismo: uma introdução" (Freud, 1914), catexizada como primeiro objeto libidinal; na passagem para a catexização deste objeto estará implicada, portanto, que uma apreensão unificada da imagem corporal seja tomada como própria. Como referido acima, esta apreensão está diretamente ligada a elementos do registro do simbólico (o espelho plano): é o Outro<sup>8</sup> quem aponta a imagem nomeando-a do sujeito.

Assim, em 1915, ano da publicação de textos metapsicológicos, Freud já apresentara alguns aspectos referidos à pulsão, como a relação com uma zona erógena - a sua fonte - sua variedade de objetivos e também sua independência em relação ao objeto (passando pelo auto-erotismo e o narcisismo antes de

---

<sup>6</sup>Registro que tem como unidade básica o significante, elemento que não existe isolado, só se constituindo como tal a partir da relação com outro significante. Um significante não se basta a si: no simbólico, portanto, a dimensão da castração (falta) se apresenta no modo mesmo de operação do registro.

<sup>7</sup>Pode-se assim compreender a referência a uma possível "síntese mais ou menos completa" (Freud, 1915a, p. 146) feita por Freud em alusão às pulsões sexuais.

<sup>8</sup>Termo que, enfatizando a dimensão simbólica aportada pelo semelhante, é também utilizado como equivalente ao de simbólico nos textos lacanianos.

catexizar objetos externos). Dentre os textos metapsicológicos, artigos em que sintetiza pensamento desenvolvido nos anos anteriores, um é dedicado ao estudo da pulsão, "Os instintos e suas vicissitudes" (Freud, 1915a). Aí, Freud definirá a pulsão como

"um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo" (p. 142).

Na primeira parte desta citação, o conceito de pulsão é situado no limite entre o mental e o somático: numa localização limítrofe, campo em que se avizinham conceitos referidos ao mental e ao somático, aí se instaurará um novo campo conceitual. O corpo teórico da psicanálise escava sua localização numa região limítrofe do campo dos saberes: uma linha de fronteira é amplificada, tornando-se espaço de realização conceitual. Assim, estes limites contornarão a hiância que a psicanálise abre e, por estarem situados em seu campo teórico, adquirem novo estatuto, singular, a partir de sua articulação com os demais conceitos do campo psicanalítico (como afirmáramos acima). Na terceira parte desta citação, Freud nos aponta a dimensão econômica implicada no conceito de pulsão. No centro da citação, contudo, parece encontrar-se o que, neste período da formulação do pensamento freudiano, seria o mais característico do conceito: seu caráter de representação. Dentro desta localização no espaço conceitual e com as referências econômicas ressaltadas, a pulsão é, para Freud, aquilo que representa, na mente, os estímulos orgânicos.

Curiosamente, ao enumerar "certos termos utilizados com referência ao conceito de instinto" (Freud, 1915a, p. 142) - pressão (*Drang*), a finalidade (*Ziel*), a fonte (*Quelle*) e o objeto (*Objekt*) - a questão da representação não é

citada por Freud: se a pulsão é o representante, poder-se-ia esperar que esta propriedade de representação estivesse articulada a algum de seus elementos, ou subjacente a todos eles; o fato é que neste texto Freud não traz qualquer esclarecimento adicional sobre o modo como se opera a representação. Neste ponto, é interessante lembrarmos do modo como Lacan refere-se à apresentação e articulação destes quatro termos: "é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça - no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista" (Lacan, 1973, p. 161). Lacan insiste, ainda, em apontar o caráter de disjunção como marca da articulação entre estes quatro elementos (cf. 1973, p. 155).

Tomemos estes elementos referidos à pulsão. Freud define a fonte (*Quelle*) como "processo somático" (Freud, 1915a, p. 143) que se dá no interior do corpo e a que a psicanálise não tem acesso, posto lidar com regiões superficiais do corpo, as zonas erógenas - tomadas, então, como fonte das pulsões. Se a pulsão é o que articula o corpo ao psiquismo, a afirmação de Freud da indiferença da psicanálise em relação aos processos somáticos vem a confirmar que o corpo de que se trata na psicanálise não é, evidentemente, o mesmo que é objeto de estudo de outras disciplinas científicas: o corpo, na psicanálise, se apresenta, em suas diversas dimensões (real, simbólica e imaginária) como um corpo constituído na relação com o Outro do significante.

Lacan assinala o caráter de superfície das zonas erógenas (cf. 1973, p. 162), além de ressaltar o fato de as zonas erógenas privilegiadas se constituírem sobre bordas de orifícios corporais: na psicanálise lida-se com bordas, contornos que delimitam ao mesmo tempo uma hiância e uma superfície, virtual, em seu interior. Lacan assinala ser exatamente a existência de buracos no corpo que permitirá a articulação promovida pela pulsão, pois será sobre estes buracos que

a cadeia significante se ligará à carne (cf. Lacan, 1973, p. 172). Esta ligação da cadeia significante, do Outro, ao que virá a se tornar o corpo, dar-se-á justamente com a sobreposição dos intervalos da cadeia aos buracos do corpo. É a "unidade topológica das hiências em jogo" (*idem*, p. 172) que propicia a articulação corpo e significante; como afirma Lacan, "a delimitação mesma da 'zona erógena' que a pulsão isola do metabolismo da função ... é o fato de um corte que se apoia no traço anatômico de uma margem ou de uma borda" (1966, p. 817). Uma zona erógena é compreendida como um corte produzido e delimitado por significantes que terão marcado o sujeito e, assim, constituído o seu corpo. É importante ressaltarmos que esta concepção da instauração das zonas erógenas implica necessariamente a existência de intervalos a separarem os significantes que constituem a cadeia, ou seja, a articulação pulsional implica tanto os orifícios do que se tornará um corpo como também os furos da cadeia significante, do Outro.

A pressão (*Drang*) é apresentada por Freud como o elemento quantitativo da pulsão - "a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa" (Freud, 1915a, p. 142) - e se manteria em nível constante, não sofrendo variações de sua intensidade. Lacan parte deste dado apresentado por Freud ao distinguir a pulsão dos estímulos externos (cf. *idem*, p. 138) para também afirmar que nem mesmo a pressão pode ser assimilada a nenhuma força biológica, posto estas forças sempre apresentarem algum ritmo ou variação cíclica (cf. Lacan, 1973, p. 162). O que seria esta força então? Lacan (1973) a toma como uma tensão permanente, referida não mais como energia cinética mas sim energia potencial (cf. p. 156). Sustenta esta formulação, ancorado em sua compreensão das zonas erógenas como superfícies, na propriedade física apresentada por sistemas limite<sup>9</sup> de que os vetores que representam a variação de

---

<sup>9</sup>Para maiores especificações sobre este modelo físico utilizado cf. Darmon, 1994, pp. 151-168.

energia potencial a cada ponto do campo destes sistemas, ao serem projetados numa superfície, mantém, para a mesma superfície, um valor constante (cf. *idem*, p. 162). A marcação daquilo que se tornará o corpo pelo significante do Outro se dá contornando os orifícios corporais e aí criando uma tensão que, a partir da clínica, se revela permanente. Deste modo, no lugar em que teria havido uma excitação endógena, cíclica (da ordem da necessidade), instaura-se uma excitação proveniente do Outro, que se revela permanente - "o que leva ao paradoxo de uma tensão aliviando uma outra tensão" (André, 1986, p. 104).

Ressaltemos que a apreensão da zona erógena como borda remete, também, à perspectiva de se tomá-la como uma região de limite entre o sujeito e o Outro; como afirma Lacan, em se referindo ao movimento pulsional, que aporta na zona erógena, "é por aí que o sujeito tem que atingir aquilo que é, propriamente falando, a dimensão do Outro" (1973, p. 183). É a partir da zona erógena que se realiza a dimensão de alteridade radical introduzida pelo Outro do significante. A zona erógena, borda entre o sujeito e o Outro, apresentar-se-á, por conseguinte, como uma região de trocas (cf. Freud, 1917b, p. 163) - articulando-se aí tanto a demanda do Outro (cf. Lacan, 1973, p. 171) como um movimento de apelo do sujeito ao Outro (cf. *idem*, 1973, p. 185) - em que se faz presente mediação ou regulação instauradas pela Lei. Esta imbricação do sujeito e da demanda na instauração da pulsão sexual, tendo como palco o corpo, aparece no matema lacaniano da pulsão,  $S \diamond D$  (cf. Lacan, 1960, p. 817), em que  $S$  representa o sujeito barrado;  $D$ , a demanda - ainda que para alguns represente a zona erógena, no que não tem nada de natural (cf. Žižek, 1990, p. 150) - enquanto que o sinal de punção ( $\diamond$ ) aponta para uma impossibilidade concomitante presente nesta articulação que a pulsão realiza.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>Retomaremos esta questão adiante, ao discutirmos a produção do sujeito como objeto no

Freud apresenta a finalidade (*Ziel*) da pulsão como sendo necessariamente a satisfação, ou seja, conseguir que cesse a estimulação na fonte (cf. 1915a, pp. 142-143). Se esta estimulação na fonte é um dado introduzido pelo Outro que na clínica se revela um elemento que não apresenta variações quantitativas, apresentando-se como uma força constante (uma das características distintivas da pulsão), como se pensar esta satisfação pulsional? Lacan, no seminário XI, apresentará sua concepção sobre satisfação pulsional apoiando-se, inicialmente, na descrição feita por Freud, no texto metapsicológico sobre as pulsões (1915a), das vicissitudes sofridas pelas pulsões antitéticas. Aí Freud trabalha como se articulariam na história do indivíduo os dois componentes do sado-masoquismo, aqui tomado como exemplo, assinalando que se perceberiam três momentos: no primeiro, a pulsão se manifestaria em sua forma ativa (o sadismo); no terceiro, em sua forma passiva, no qual o indivíduo é tomado por objeto de outrem (masoquismo). Entre estas, contudo, Freud introduz um passo intermediário, em que o indivíduo permanece ainda como sujeito e já como objeto da pulsão, ou seja, em que há reversão de atividade para passividade, no que tange ao objetivo, concomitante à mudança de objeto, que passa a ser o próprio eu do indivíduo, sem que a função de sujeito seja assumida por outrem. Estas alternâncias são relacionadas por Freud a diferentes conjugações das vozes de verbos - ativa, reflexiva e passiva (cf. pp. 148-149). Lacan (1973), como afirmávamos, utiliza-se desta passagem freudiana para enfatizar dois pontos que importa-nos ressaltar no momento: o aspecto de "vaivém em que ela [a pulsão] se estrutura" (p. 168), de "reversão significativa" (p. 168) - referindo-se à alternância de lugares do sujeito e do objeto, que se organizam segundo regras gramaticais - e, também, o "caráter circular do percurso da pulsão" (p. 168), ou seja, o depreendido do fato de a pulsão, em saindo do corpo do sujeito, a ele retornar na zona erógena. Lacan

amplia o domínio destas características para além das pulsões antitéticas, estendendo-as para as referidas como auto-eróticas (cf. Freud, 1915a, p. 154) e apresenta um esquema em que da zona erógena sai uma flecha que, após realizar um percurso circular, retorna à mesma zona erógena (cf. Lacan, 1973, p. 169), afirmando que "seu alvo [da pulsão] não é outra coisa senão esse retorno em circuito" (*idem*, 1973, p. 170). Neste circuito, seria circundado o objeto da pulsão, como veremos adiante.

Como se deve compreender esta indicação de que o alvo da pulsão é o retorno em circuito? O que seria este retorno? Lacan o indica relacionando os dois fatores acima referidos como de inspiração no texto freudiano: "parte alguma desse percurso pode ser separada de seu vaivém, de sua reversão fundamental do caráter circular do percurso da pulsão" (Lacan, 1973, p. 168)<sup>11</sup> e, de modo mais explícito, afirmara na lição anterior do seminário que "a pulsão oral se encontra, em último termo, numa situação em que ela não faz outra coisa senão encomendar o menu" (*idem*, p. 159): este circuito pulsional deve ser entendido como um movimento significante, o desenrolar da própria cadeia significante, saindo da borda da zona erógena para a ela finalmente retornar. A trilha que a pulsão percorre em busca da satisfação é uma trilha significante.

Um modelo semelhante de satisfação pulsional fôra apresentado por Lacan no seminário da Ética (1968) quando afirmava que na sublimação o objeto é elevado à dignidade da Coisa:<sup>12</sup> em sendo circundado pela cadeia significante, é colocado no espaço central, vazio que é produto da própria cadeia e, por isso, inacessível à rede significante, configurando o lugar que se constitui como o

---

<sup>11</sup>Lacan já se referira, no parágrafo anterior, a esta reversão fundamental como reversão significante.

<sup>12</sup>A Coisa é apresentada por Lacan como "o que, do real primordial, diremos, padece do significante"(Lacan, 1986, p. 149).

registro do real (cf. pp. 148-153). A sublimação era, então, compreendida como uma forma de se circundar o objeto, contorná-lo pela cadeia significante, e apresentada como "uma satisfação diferente de seu alvo - sempre definido como seu alvo natural" (p. 140). No seminário XI (1973), Lacan abandona a referência a um alvo natural, passando este mecanismo a ser proposto como o modelo de satisfação das pulsões sexuais. Retomaremos, em seguida à discussão sobre o objeto da pulsão, a questão da satisfação pulsional.

Freud apresentará o objeto (*Objekt*) da pulsão como

"a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele" (1915a, p. 143).

Partindo do fato desta absoluta variabilidade do objeto da pulsão, Lacan, afirmando que "o objeto na pulsão não tem nenhuma importância" (1973, p. 160), proporá que o objeto seja aquilo que é contornado pela pulsão em seu trajeto rumo à satisfação. Assinala, ainda, que se deve entender este contornar em duplo sentido: seja no de dar a volta em torno de algo seja, também, como a "volta de uma escamoteação" (p. 160). Podemos compreender esta escamoteação como o fato de que qualquer objeto que venha a ser tomado como objeto da pulsão sê-lo-á apenas ocupando um lugar que não poderá efetivamente preencher; como diz Lacan, este objeto "é apenas a presença de um cavo, de um vazio" (1973, p. 170). Retomemos o exemplo de Freud dos "Três Ensaio..." (1905) em que o chupar o dedo é apresentado como o protótipo da atividade sexual: tomando o dedo como objeto - parte do corpo próprio - o sujeito está a delimitar, com seu próprio corpo, o contorno do objeto perdido (cf. André, 1986, p. 104). Esta perspectiva de um vazio tomado como objeto corresponde à concepção lacaniana do objeto

*a*.<sup>13</sup> Cabe um esclarecimento sobre este lugar do objeto na montagem da pulsão: não se deve supor que a pulsão contorne algum objeto já dado; ao contrário, é exatamente em tendo concluído seu percurso significante, tendo realizado aquilo que é seu alvo, apenas aí se conforma o vazio central, efeito do deslizamento dos significantes - vazio que, desde a experiência de satisfação, a pulsão se empenha em contornar (como nos referíamos no início deste capítulo). Como afirma Juranville "a pulsão não é aquilo que faz surgir o objeto *a* no sentido de seu advento original. Ela é a relação que se estabelece com ele" (1984, p. 157). O lugar do objeto *a*, vazio a que se corresponde o objeto perdido desde a experiência de satisfação, a pulsão tem como efeito sua permanente reprodução, contornado-o no seu movimento de vaivém significante. Este vazio poderá ser ocupado por qualquer coisa que, a partir daí, será tomada como objeto da pulsão.

Retomemos a discussão sobre a satisfação pulsional relacionando-a, agora, com a questão do sujeito. Lacan, ainda se referindo às vicissitudes das pulsões antitéticas apresentadas por Freud, afirmará que ao se fechar o circuito pulsional aparece o sujeito na pulsão; este sujeito não é prévio à pulsão, porém efeito da atividade pulsional: "não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito" (1973, p. 169), aparição esta que se daria "no nível do outro" (*idem*).<sup>14</sup> Pode-se perceber aí uma divisão do sujeito (cf. André, 1986, p. 104), posto este sujeito apresentar-se num nível outro que o do corpo. Como afirma André "o sujeito passa de uma posição onde ele é um corpo

---

<sup>13</sup>Conceito lacanianiano que abarca a noção de objeto perdido - por nós referido ao descrevermos a experiência de satisfação, no início deste trabalho. Seria uma forma de realizarmos aquilo que falta, tanto ao sujeito como ao Outro; em verdade, será neste objeto, como resto, que o sujeito encontrará o máximo de consistência que consegue para si (cf. Lacan, 1960, p. 818).

<sup>14</sup>Remetemos a discussão sobre o caráter simbólico ou imaginário deste outro a Laznik-Penot, pp. 214-219.

entregue aos capricho do Outro à posição onde ele *tem* um corpo que oferece a seu 'self service'" (1986, p. 104 - grifos do autor).

Recordemos que Lacan, em se perguntando sobre a "função que suporta o sujeito do inconsciente" (1960, p. 816), localiza este suporte na pulsão, "ancoragem orgânica, oral, anal, etc. que satisfaz a esta exigência de estar tanto mais longe do falar quanto mais ele fala" (*idem*, p. 816). Afirmáramos anteriormente que na pulsão se realiza um apelo ao Outro; aí Lacan acrescenta que, pela pulsão, quanto mais o sujeito fala menos se reconhece em seu falar. Assim, pode-se dizer que o sujeito do inconsciente fala através da pulsão e que, ainda que não reconhecendo de imediato esta fala como tal, não deixa de reconhecer estas manifestações como lhe sendo próprias - na medida em que as zonas erógenas são apreendidas como parte do corpo próprio desde a unificação da imagem corporal promovida pelo narcisismo. Neste contexto, ou seja, a partir da unificação promovida pelo narcisismo, coincidem os sujeitos da pulsão e do inconsciente.

Lacan, em se referindo à "articulação do fecho do vaivém da pulsão" (1973, p. 184), afirma: "o objeto propriamente dito que é mesmo de fato ao que se reduz o sujeito" (*idem*, p. 184), indicando que o sujeito na pulsão, aquele que aparece no fechamento do circuito pulsional, é um sujeito reduzido à condição de objeto. Seguindo Freud ao assinalar que "toda pulsão é uma parcela de atividade" (1915a, p. 142), Lacan insistirá em que toda pulsão é uma atividade e que esta "se concentra nesse *se fazer*" (1973, p. 184 - grifo do autor), se fazer objeto, objeto para o Outro. Esse objeto que se produz é exatamente o objeto *a*, o que falta ao Outro, aquele que se busca contornar com o percurso pulsional. Terminado este percurso, contornado o vazio, o sujeito, que aí se produz, se reduz à condição de objeto, num movimento em que tenderia, portanto, a

completar o vazio que se apresenta no Outro - não nos esqueçamos de que na instauração da zona erógena confluem os orifícios corporais com os furos do Outro.

Podemos relacionar esta produção e redução do sujeito a objeto, realizadas pela pulsão, à afirmação de Lacan em "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" (1960) de que a pulsão é o que "advém da demanda quando o sujeito aí se esvaece. Que a demanda desaparece também, isto é evidente, tanto quanto que resta um corte" (p. 817). Diante da demanda do Outro, que se articulará na zona erógena como corte, o sujeito ter-se-á desvanecido: não há lugar para o sujeito enquanto tal. Reencontramos o que afirmáramos quando apresentamos o matema da pulsão ( $\$ \diamond D$ ) sobre a existência de uma impossibilidade de articulação do sujeito com a demanda do Outro.

É importante assinalarmos a complementaridade entre esta afirmação do esvaecimento do sujeito e o que vínhamos apresentando anteriormente em relação à atividade da pulsão, este movimento de *se fazer*, em que se produz um sujeito. Se diante da demanda o sujeito se desvanece, como se pensar uma produção de sujeito? Não é por acaso que o matema da pulsão remete a esta impossibilidade, posto ser *exatamente através da pulsão que ela é contornada*. A formulação do conceito de pulsão aponta para o fato de que mais além de uma submissão absoluta ao Outro da demanda - em que se esgotaria uma possibilidade de surgimento de um sujeito - produz-se uma subjetividade a partir mesmo deste "esvaecimento do sujeito". Se não havia mais sujeito prévio - como nos afirma Lacan (1973, p. 169) - dado seu esvaecimento, a marca no corpo, resto da demanda, será a abertura, pulsional, da possibilidade de surgimento de um novo sujeito. À falta de alternativas, diante da demanda do Outro, para o que se poderá tornar em sujeito - que não a de ser colocado como objeto para o Outro - o

sujeito dela se apropria e, daí mesmo, se produz como sujeito *ainda que reduzido a objeto*. Em verdade é o circuito pulsional, como vimos trabalhando neste texto, o que viabiliza a produção do sujeito: embora não escapando da condição de objeto, esta torna-se aquilo a que *vem a se reduzir* o sujeito.

Podemos acrescentar que, em se contrapondo à atividade que se presentifica em toda pulsão - localiza por Lacan neste *se fazer objeto* - deve-se apontar, concomitante, uma dimensão de passividade que se afirma exatamente neste *se fazer objeto*. No mesmo movimento em que se faz sujeito, reduzido a objeto, o sujeito realiza, portanto, uma atividade que se finaliza em passividade - enquanto objeto do Outro. Afirmaríamos que, mais além da forma em que se apresenta cada uma das pulsões antitéticas, à pulsão sexual enquanto tal cabe esta dupla propriedade de atividade e passividade? Cabe, aí, um refinamento: a dimensão de passividade pode ser considerada inelutável na relação com o Outro. O que caracteriza o movimento pulsional, incessante, é a abertura da possibilidade de surgimento de um sujeito - pressupondo, à instauração do pulsional, a presença de furos no Outro. A abertura que a pulsão introduz é, portanto, uma *atividade* - formadora do sujeito - que se constitui num modo de relação à castração do Outro.

Com a atividade da pulsão reproduz-se o que falta desde a experiência de satisfação - o objeto que falta ao Outro e que talvez pudesse completá-lo (ser seu objeto de gozo). Diante desta perspectiva de o sujeito realizar-se como o objeto que falta, ou seja, ocupar o lugar de objeto da pulsão, é lícito afirmar que a sexualidade humana permanece auto-erótica - aliás uma das marcas apresentadas por Freud como característica da sexualidade infantil (cf. 1905, p. 186). Podemos assim compreender a afirmação de Lacan, feita no seminário de 1964, de que "em

relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto" (1973, p. 167).

Disséramos, ao nos referirmos à experiência de satisfação, que o aparelho psíquico estrutura-se visando a evitar a possibilidade de que ela se repita - quando nada pelo fato de que jamais seria a mesma na medida em que sua repetição se daria através de um objeto alucinado que não reduziria o nível de tensão do aparelho (cf. Freud, 1950e, p. 424) - e que esta virtualidade se apresenta como da ordem do gozo. Ao nos referirmos à realização do sujeito como objeto na pulsão, contudo, relacionamo-la à sua colocação como objeto de gozo do Outro. Realmente, Lacan afirma que "o caminho da pulsão é a única forma de transgressão que se permite ao sujeito em relação ao princípio de prazer" (1973, p. 174) e no seminário da Ética (1986) explicita que "o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade, mas como a satisfação de uma pulsão" (p. 256) - podendo-se depreender a citada forma de transgressão como uma possibilidade de acesso ao gozo.

Em se compreendendo a experiência de satisfação como aquilo que se tenta repetir com a pulsão sexual, devemos reconhecer que com o circuito pulsional, segundo as indicações de Lacan que vimos trabalhando, algo da experiência de satisfação se reencontra - o gozo. Sustentando a hipótese de que a noção de experiência de satisfação é uma construção que, entre outros, justifica o incessante movimento pulsional - portanto, neste sentido, depreendida *a partir* da formulação da articulação pulsional, ainda que apresentada como seu ponto mítico de partida - devemos concluir que também este gozo do encontro com a Coisa é uma virtualidade que só ganha sentido a partir do gozo que se realiza com o circuito pulsional. Assim sendo, expressões como evacuação ou

esvaziamento de gozo (cf. Zizek, 1990, p. 120), que o corpo sofreria em decorrência de seu atravessamento pelo simbólico, devem ser compreendidas a partir do efeito de retroatividade instaurado pelo simbólico: não que tenha havido um gozo que se perdeu mas, ao contrário, a partir do gozo que se apresenta remete-se a um momento mítico em que este gozo fosse completo e pleno. Lacan, a este respeito, afirma que "é apenas a indicação deste gozo em sua infinidade que comporta a marca de sua interdição" (1960, p. 822) e, ainda, que "o gozo está do lado da Coisa" (1964, p. 853), portanto relacionado ao campo do que se teria perdido neste encontro da experiência de satisfação. A marca da interdição é a marca da castração, referida tanto no corpo, em que o gozo é localizado nas zonas erógenas,<sup>15</sup> como no Outro do significante, cuja falta de gozo torna-o inconsistente (cf. Lacan, 1960, p. 820).

Apresentados os quatro elementos da pulsão, retomemos a referência à representação que será abordada por Freud em outros dois textos metapsicológicos, "Repressão" e "O inconsciente", ambos de 1915.<sup>16</sup> Se até o texto sobre as pulsões (1915a) Freud se referia a estas como representantes do organismo no psiquismo passará, a partir daí, a se referir, também, a representantes psíquicos da pulsão: a pulsão é a representação, porém ao elemento que se apresenta ao lado do psiquismo cabe uma especificidade e será chamado de representante pulsional (cf. Strachey *in* Freud, 1915a, pp. 129-131). Em "Repressão" (1915c) Freud faz referência a um representante ideativo - (*Vorstellungs-*) *Repräsentanz* -<sup>17</sup> "uma idéia ou grupo de idéias, catexizada com

<sup>15</sup>Na experiência de satisfação, prototípica do encontro da carne com o Outro do significante, marca-se um corpo constituído por zonas erógenas, ilhas de gozo a ser produzido e contornado no movimento pulsional.

<sup>16</sup>Recordemos que, a partir de 1920, ganhará espaço no pensamento freudiano a questão do irrepresentável que, dado o recorte proposto, escapa à discussão neste trabalho.

<sup>17</sup>Cf. Garcia-Roza, 1995, pp. 242 - 250, para discussão sobre as dificuldades associadas à

uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de um instinto" (p. 176); esta quota de afeto, referida a intensidades, está sujeita a vicissitudes diferentes em relação à parte ideacional. Compõe-se a representação pulsional de dois elementos, o representante ideativo e a quota de afeto, que se podem encontrar ligados ou disjuntos sem, com isso, perderem sua propriedade representativa. Afirma Freud, num esforço de distingui-las, que "a diferença reside em que as representações são investimentos - no fundo, de traços mnêmicos -, enquanto que os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga" (Freud, 1915, *apud* Garcia-Roza, 1995, pp. 266-267).

Interessa-nos avançarmos na apresentação do representante ideacional, a parte significativa do representante pulsional (cf. Garcia-Roza, 1995, p. 266), partindo da abordagem por Freud na parte VII do artigo sobre "O inconsciente" (1915b), retomando uma distinção presente desde seu texto sobre as afasias (1891). Freud, uma vez mais tomando como referência clínica o que acontece nos processos esquizofrênicos - como fizera ao sustentar a formulação do narcisismo em 1914 - propõe a existência de diferentes tipos de representantes pulsionais, cuja apresentação varia de acordo com o sistema psíquico em que se encontrem: no inconsciente presentificar-se-iam as representações-coisa ("consiste na catexia, se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas" [1915b, 229]), enquanto que, no pré-consciente, estas representações estariam associadas a representações-palavra, adquirindo a possibilidade de se tornarem conscientes a partir desta ligação. Como afirmamos, esta distinção entre os tipos de representação remonta ao texto sobre as afasias (1891): a representação-palavra é aí definida como uma representação complexa e fechada, ou seja, que inclui um número limitado de

imagens - visual, auditiva, cinestésica e de escrita - só adquirindo significação a partir de sua associação com a representação-coisa que, por sua vez, é complexa, porém aberta, ou seja, formada por número não limitado de imagens mnêmicas. Garcia-Roza assinala, ainda, que somente a partir de sua ligação com a representação-palavra as imagens mnêmicas se agrupam no que se poderá chamar representação-coisa (1995, p. 244). Deste modo, assinalamos que a possibilidade da representação que a pulsão encarna deve ser subsumida em diferentes modos de articulação dos elementos básicos que aí se agrupam, seguindo regras próprias e específicas a cada um dos sistemas ou modos de funcionamento psíquicos em que se encontrem (cf. Freud, 1896). Podemos supor que, do que se produz a partir da articulação pulsional (o sujeito, o objeto *a* e o gozo) ao menos o sujeito, por se referir diretamente ao campo dos significantes - em se constituindo como sujeito do inconsciente - estará diretamente implicado nestas variações de modo de presentificação da pulsão no psiquismo.

Vai se configurando um quadro em que, partindo da articulação da cadeia significante com o que virá a se constituir como corpo - da ação do Outro sobre a carne - articulação que se dá pela sobreposição das hiências do corpo e da cadeia, ou seja, de uma relação entre o que falta ao Outro e os orifícios do corpo, instaura-se, nesta região de borda, um corte, uma tensão. Permanente, proveniente do Outro e compreendida como energia potencial, a tensão manterá em movimento a cadeia significante. Esta movimentação, incessante deslizar da cadeia, pode-se dizê-la de efeitos paradoxais posto, ainda que não tendo o efeito de reduzir o nível de tensão da zona erógena, apresentar-se como a forma de satisfação. Neste circuito significante é circundado um vazio que se oferece como o lugar do objeto e que, desde Freud, é inicialmente preenchido pelo próprio corpo do sujeito. O deslizar significante apresenta-se como a forma de se tentar costurar as bordas de um buraco, instaurado pelo Outro, que não pára de não se

fechar. Este buraco permite que, em contornando a perspectiva de uma submissão absoluta ao Outro, constitua-se a atividade pulsional, produtora de uma subjetividade que, enfim, se apropria da condição prévia de assujeitamento ao Outro. Enfim, a partir da instauração do pulsional, referida à castração do Outro, introduz-se uma subjetividade que se ancora no corpo e busca acesso à representação no universo significante constituído pelo Outro.

## PSICOSE

Ao iniciarmos um estudo psicanalítico sobre psicose é importante lembrarmos que o conceito de psicose atualmente vigente foi se constituindo, progressivamente, a partir da teorização freudiana: em fins do século XIX, o termo psicose designava, inespecificamente, qualquer doença mental ou afecção psiquiátrica, independente de referências etiopatogênicas (cf. Bercherie, 1988, p. 158). Deste modo, a distinção do campo da psicose em relação à neurose não era dada; tais categorias faziam referência a planos conceituais diferentes: o termo neurose se referia à dimensão etiológica e patogênica, na medida em que designava as afecções funcionais do sistema nervoso sem qualquer lesão ou base orgânica objetivável (*idem*, p. 159), enquanto que psicose se afirmava exclusivamente numa dimensão clínica. A neuropsicose, categoria trabalhada por Freud no início de sua produção, implica, portanto, reunião de manifestações clínicas de afecções funcionais do sistema nervoso.

Em "As neuropsicoses de defesa" Freud (1894) introduz uma compreensão para os distúrbios psíquicos centrada na noção de defesa,<sup>18</sup> cujos mecanismos seriam desencadeados a partir da "ocorrência de incompatibilidade na vida afetiva" em que se apresentaria uma contradição entre o ego e uma idéia incompatível, contradição esta não resolvível pelo pensamento (cf. p. 59-60). Neste texto, Freud aborda neuropsicoses como histeria, fobias e obsessões, em que o processo de defesa operaria a partir da criação de um núcleo psíquico formado pelas idéias das quais o ego quer se defender (produzindo um *splitting* da consciência - cf. p. 63). Neste núcleo, as idéias permaneceriam afastadas de

---

<sup>18</sup>Termo que aparece publicado pela primeira vez neste texto.

sua quota de afeto, posto não poderem ser tratadas como *non-arrivé* (cf. p. 61), ou seja, como se não tivessem feito parte dos conteúdos psíquicos. Na confusão alucinatória, a neuropsicose aí estudada que virá a ser tomada no quadro das psicoses, Freud aponta para a operação de mecanismo de defesa bem mais eficaz: "o ego rejeita<sup>19</sup> a idéia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a idéia jamais lhe tivesse ocorrido" (p. 71). Se nas neuroses a idéia não pode ser rejeitada, restando a possibilidade de se esvaziá-la de sua força, nas psicoses algo se dá que permite ser a idéia tratada "como se" jamais tivesse integrado as cadeias associativas - e, desta forma, até mesmo o afeto que lhe é ligado não é tomado como interior ao sistema psíquico. Neste modelo, a rejeição da idéia na confusão alucinatória estaria associada a uma perturbação da relação com a realidade posto a idéia rejeitada estar de alguma forma ligada a fragmento da realidade; logo, a rejeição da idéia implica uma reconstrução da realidade a partir da qual o que se ameaçava pela idéia rejeitada ganha uma força acentuada. Desde esta formulação inicial, portanto, coloca-se uma diferenciação entre a confusão alucinatória e as demais neuroses estudadas: enquanto nestas o processo de defesa se dá a partir de um conflito intrapsíquico, naquela o conflito se desloca para a relação entre o sujeito e a realidade.

Freud envia a Fliess, em 24 de janeiro de 1895, o rascunho H (1950a), dedicado ao estudo da paranóia,<sup>20</sup> outra categoria nosológica que será incluída no campo das psicoses e, à época, entre as neuropsicoses. O ponto de partida de Freud é uma aproximação com a neurose obsessiva: ambas teriam sido tomadas

---

<sup>19</sup>O termo aqui utilizado é *Verwift*, ou seja, refere-se ao que sofre a *Verwerfung*, termo que Lacan proporá ser traduzido como forclusão.

<sup>20</sup>À época, a categoria paranóia apresentava grande abrangência de quadros, incluindo tanto os agudos como os crônicos, com ou sem alucinação... Era problemática sua delimitação conceitual tanto com quadros de sintomatologia obsessiva quanto de confusão mental (cf. Bercherie, 1988, p. 160).

como "distúrbios puramente intelectuais" (p. 283) e, em sua argumentação, Freud propõe que, em já se tendo encontrado relações afetivas na produção das manifestações obsessivas, deve-se buscar uma forma semelhante de compreensão para os delírios na paranóia. A apreensão da paranóia terá, portanto, como referência o que se atribuía à neurose obsessiva e, assim, a primeira afirmação a ser feita é a de que também se constitui como uma forma de defesa. Na paranóia seria característica a forma abusiva de utilização do mecanismo de projeção - termo que, aparecendo na obra freudiana pela primeira vez neste texto, designa o fato de uma idéia incompatível ter seu conteúdo projetado no mundo exterior (cf. p. 286).

Freud, neste rascunho (1950a), toma o caso de uma paciente que, após se ver envolvida em situação embaraçosa no campo sexual, desenvolve delírios em que estaria sendo observada e censurada. Freud afirma que a paciente teria passado a se censurar pelo fato de ter ficado excitada na cena ocorrida - temos, aí, um elemento de aproximação à neurose obsessiva pois, nesta neurose, à luz das hipóteses freudianas da época, aparece o sentimento de autocensura. Na paranóia, a autocensura seria projetada para o exterior. Assim, "*o tema permanecia inalterado; o que mudava era a localização da coisa*" (p. 286, grifos do autor). Freud reconhece que o mecanismo de projeção é um mecanismo normalmente utilizado, sendo sua especificidade na paranóia um abuso em sua utilização (cf. p. 287), abuso este que se pode caracterizar pelo fato de, juntamente com a projeção, perder-se a apreensão da mudança interna ocorrida no sujeito - que estaria sendo projetada ou originando as idéias que se estão projetando (cf. *idem*). Numa projeção normal, o que percebemos como vindo de fora está de algum modo relacionado a conteúdos nossos, enquanto que na paranóia esta ligação se rompe: se há mudança interna (que teria desencadeado o processo de defesa) o sujeito não mais a reconhece em si. Como afirma Freud,

"se a esquecermos [a mudança interna] e se nos ativermos tão somente a uma das premissas do silogismo, àquela que conduz para o exterior, então teremos aí a paranóia" (p. 287) - a perda deste elemento leva à impossibilidade de relação entre os demais elementos da cadeia de representações. Podemos afirmar que, juntamente com a projeção, perde-se o elo a partir do qual o sujeito poderia se implicar na experiência que se apresenta como traumática. Na paranóia, portanto, mais além do mecanismo de projeção, é característica sua consequência de levar a uma ruptura, como que a uma abolição da mudança que se teria dado "no interior" do ego.

Gostaríamos de assinalar que, neste exemplo de Freud, o que se projeta não é um fato ou situação, porém uma censura que o sujeito faria a si a partir da situação traumática. Enquanto na confusão alucinatória, estudada por Freud no texto de 1894, com o desligamento da realidade promovido pela rejeição da idéia incompatível produz-se uma situação de defesa que compraz ao ego, na paranóia a projeção da idéia - um julgamento - tem efeito hostil ao ego (Freud, 1950a, p. 289). Em se acompanhando Freud nesta sua hipótese de que teria havido uma autocensura - como reação à situação traumática - podemos concluir que esta defesa não se apresentará a partir do interior e, também por isso, nela não se reconhecerá o sujeito.<sup>21</sup> É importante assinalarmos, com Simanke (1994), uma diferenciação em relação às demais neuroses de defesa: nestas, o sintoma se apresenta como um substituto, um símbolo; na paranóia, ao contrário, "é a própria representação rechaçada que retorna intacta, só que, desta vez, percebida como proveniente do exterior" (p. 84).

Freud estende este uso da projeção a diversos tipos de paranóia (cf. 1950a, pp. 288-289), tomando este mecanismo de defesa como critério nosográfico, no

---

<sup>21</sup> Assinalemos que a categoria sujeito não se apresenta, nesta acepção, nos textos freudianos.

que vem a se tornar uma nova entidade clínica (Simanke, p. 84). Entre os tipos incluídos por Freud está a megalomania - segundo Freud talvez "até com porte mais capacidade de manter afastada do ego a idéia penosa" (1950a, p. 288) - e, ainda, a hipocondria. Já neste texto, contudo, Freud afirma que "a *idéia delirante* é sustentada com a mesma energia com que uma outra idéia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, essas pessoas *amam seus delírios como amam a si mesmas*" (*idem*, p. 289 - grifos do autor) - no que apontaria para uma íntima relação do delírio com o ego sem, contudo, explicitá-la à época.

Quase um ano após ter escrito este rascunho, Freud envia, a 1º/01/1896, o rascunho K, "As neuroses de defesa" (1950b), em que estes quadros são abordados como "aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais" (p. 300). Neste texto, a experiência traumática é referida diretamente a experiências sexuais infantis, que Lacan, no seminário VII, abordará como o encontro com a Coisa (cf. Lacan, 1986, pp. 58-90). Ainda que os estados afetivos não sejam tomados como a marca distintiva de cada psicose - mas sim o modo como se realiza a repressão (cf. Freud, 1950b, p. 304) - é interessante notarmos que a autocensura, anteriormente atribuída tanto ao paranóico quanto ao obsessivo, deu, na concepção freudiana da paranóia, lugar à *mortificação*; nesta mudança talvez esteja indicada uma alteração do papel desempenhado pelo ego a partir da experiência traumática. Os estados afetivos que se manifestam de forma aberrante seriam decorrentes de experiências traumáticas diante das quais se erigem os mecanismos de defesa que levam às neuroses. Freud apresenta quatro etapas na constituição das neuroses de defesa, num movimento em que mais uma vez se unificam os quadros estudados sob a égide do processo de defesa:

1- uma experiência sexual prematura e, portanto, traumática;

2 - o momento do recalque, posterior, desencadeado por alguma lembrança do trauma, e a partir do qual se instaura um sintoma primário;

3 - uma fase de defesa bem sucedida, decorrente do recalque, em que permanece o sintoma primário;

4 - o retorno das idéias recalçadas, levando à reação do ego com produção de novos sintomas.

Verificamos que o processo de defesa vai se complexificando posto que, nas concepções apresentadas anteriormente, a defesa e a formação de sintomas correspondiam ao mesmo movimento, enquanto que nesta nova formulação o processo se desdobra em passos que implicam maior complexidade (cf. Bercherie, 1988, p. 168).

Tomemos a aplicação feita por Freud destes passos gerais no estudo da paranóia. Da experiência primária, Freud afirma ser provavelmente da mesma ordem da que se apresenta na neurose obsessiva, ou seja, uma experiência de prazer.

A repressão, segundo momento, instalar-se-ia quando a recordação pode provocar desprazer. À diferença da neurose obsessiva, nenhuma autocensura se forma - e, portanto, não pode sofrer nenhuma vicissitude - mas o desprazer provado, que desencadeou a repressão, é atribuído a outras pessoas, ou seja, teria sido provocado pelos outros. Produz-se desta forma uma relação com o exterior de uma certa vulnerabilidade, fazendo com que o sintoma primário seja a desconfiança - Freud afirma que "nesta [na repressão], o que se passa é que a pessoa se recusa a crer na autocensura" (1950b, p. 308), mesmo tendo afirmado, no mesmo parágrafo, que nenhuma autocensura se formara. Este mecanismo é

compreensível se tomarmos em conta o já apresentado no rascunho anterior como característica da paranóia: a projeção com perda de laço do interior com o exterior.

Segundo Freud, o recusado, na repressão, é a crença na autocensura (cf. 1950b, p. 309). Entendamos esta descrença na autocensura como um não reconhecimento de seu mérito: a auto-acusação não faz sentido para o sujeito pois este não reconhece sua participação na experiência traumática. Revela-se, assim, que o sujeito não se apropria da experiência traumática, não havendo subjetivação da experiência. Lacan afirmará que a descrença "é um modo próprio da relação do homem com seu mundo e, na verdade, aquele no qual ele subsiste" (1986, p. 163). Claro está, portanto, que a experiência traumática se deu, deixou efeitos e marcas, porém o espaço que se poderia constituir como um espaço interior, neste espaço não se localizarão os efeitos da experiência. Formar-se-á o aparelho psíquico que não se apropria dos efeitos da experiência de satisfação, não os subjetivando; logo, estes efeitos se produzem num campo exterior em relação ao sujeito.

No final do primeiro capítulo desta dissertação afirmávamos que, a partir da associação entre gozo e o encontro com a Coisa, a referência ao gozo deveria ser compreendida com referida ao que teria sido perdido a partir deste encontro. Cabe agora um refinamento: trabalhávamos com o modelo das neuroses, em que se *pressupõe* a repressão e um modo próprio de ação da Lei. Tomando a referência de Freud no rascunho K podemos, então, afirmar que a autocensura, referida por Freud na neurose obsessiva, é o que marca a Coisa como perdida na medida em que "é a expressão da Lei a nível de fenômeno" (Quinet, 1990, p. 47). Quinet afirma, ainda, que a recriminação primária é o "significante que marca a Coisa como gozo perdido, não apenas proibido, mas impossível" (*idem*). Deste

modo, com a descrença na autocensura, não se verificaria a referida barragem do gozo.

Após a fase de normalidade - em que se percebe apenas a desconfiança - sobrevém o retorno das idéias reprimidas por projeção e Freud é bastante explícito em relação a um ponto: o afeto retorna sob a forma de alucinações auditivas (p. 308). Dado que com a marca da experiência foi reprimida também uma crença, esta retorna vinda de fora e, deste modo, não resta ao paranóico senão acreditar no conteúdo das vozes. Juntamente com a crença, retorna o gozo não barrado da Coisa (cf. Quinet, 1990, p. 47). Freud ressalta considerar as alucinações sintomas conciliatórios, de defesa, posto aparecerem primeiro "num tom indefinido e transformado em ameaça" (1950b, p. 308) e, posteriormente, relacionadas *não* com a experiência de satisfação mas sim com a desconfiança. Este retorno do reprimido, sem distorção que não a promovida por um deslocamento cronológico, é tomado por Freud como o fracasso do mecanismo de defesa.

Em relação ao retorno da lembrança - a idéia associada ao afeto que retorna como alucinação - Freud (1950b) assinala uma marca distintiva na paranóia: no retorno do recalçado, também no que tange ao conteúdo, diferente do que se percebe nas neuroses histérica e obsessiva, aparece não um substituto do que fôra recalçado: em verdade se verifica apenas uma *distorção* decorrente de substituição cronológica, "e não a formação de um substituto" (p. 309).

Daí o sujeito passará a produzir explicações visando a integrar numa rede de sentido os sintomas conciliatórios que o cercam, passando a produzir os *delírios assimilativos* (p. 309). Em se tendo considerado o retorno do conteúdo reprimido sem distorções como fracasso da defesa, tais delírios não serão

considerados como defesa (mesmo que secundária) mas, ao contrário, um processo de transformação a que o ego é submetido pelo fato de ter sido dominado. Este processo poderá terminar num estado de melancolia - "(senso de aniquilação do ego), que, de um modo secundário, liga às distorções a crença que foi desvinculada da autocensura primária" (p. 309) - ou, então, numa megalomania - "*delírios protetores* (megalomania), até o ego estar completamente remodelado" (p. 309). Freud afirma, finalmente, que o processo de repressão, na paranóia, se dá após decisão consciente e complexa, em que se recusa uma crença na autocensura.

Em "Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa" (1896), escrito poucas semanas após o envio do rascunho K, Freud reafirma a maioria das idéias aí contidas e, mais uma vez, reforça a tese de ser "a defesa ... o ponto nuclear no mecanismo psíquico das neuroses em questão" (1896, p. 187). Aí reafirma que a especificidade de cada neurose está relacionada a seu mecanismo de repressão: à paranóia caberia a projeção. Freud informa não ter "perspectivas de estudar a paranóia exceto em ocasiões muito isoladas" (p. 201) e apresenta um caso de uma senhora a quem teria atendido, com 32 anos de idade, que tinha a sensação de estar sendo observada. Aplicando o mesmo método que utilizava à época junto às histéricas (método de Breuer, em que fazia pressão na testa da paciente), teria percebido que havia idéias inconscientes, com a diferença que os "pensamentos que emergiam do inconsciente eram, em sua maior parte, ouvidos interiormente pela paciente, como que alucinando-a do mesmo modo que suas vozes" (pp. 203-204). Freud encontra uma associação entre a sensação da paciente de estar sendo observada e suas experiências sexuais infantis: a paciente se mostrara nua junto a seu irmão, por diversas vezes, quando criança - sem sentir qualquer vergonha. A sensação de estar sendo observada era, segundo Freud,

"um fragmento inalterado da antiga lembrança que envolvia auto-acusação, e ela agora estava suprindo a vergonha que deixara de sentir quando criança" (p. 204).

Nesta construção, a vergonha não teria aparecido quando da experiência traumática: este novo sentimento ( de vergonha) supre o que faltara então.

Partindo de outros dados do relato da paciente, Freud vai reafirmando a idéia de que as alucinações correspondem a um retorno do reprimido vindo de fora, do exterior, local onde este reprimido ter-se-ia constituído como tal através de projeção. No início, contudo, este retorno representaria também uma conciliação, na medida em que os conteúdos retornam distorcidos, não se possibilitando o seu reconhecimento (eram recriminações referidas a conteúdos de experiências precoces sexuais, porém se manifestavam em relação a conteúdos outros). Freud toma, ainda, como indicadores de um trabalho de conciliação o fato da "qualidade de diplomática indefinição: a alusão insultante era, em geral, profundamente escondida; a conexão entre as sentenças separadas era disfarçada por uma estranha maneira expressiva, formas raras, e assim por diante ..." (1896, p. 209). Contudo, Freud aponta que no decorrer da paranóia percebe-se um gradual enfraquecimento das forças que atenuam a auto-recriminação, de tal modo que, a partir de determinado momento, percebem-se as auto-acusações originais retornando em forma inalterada (cf. *idem*, p. 209).

Freud (1896) termina o texto sintetizando suas concepções sobre a paranóia. A partir da repressão da experiência traumática, instaura-se uma defesa primária que se manifesta em "idéias delirantes caracterizadas pela desconfiança e pela suspeita, e relacionadas à idéia de perseguição" (p. 210) - neste ponto, a defesa primária, que pode ser aproximada do sintoma primário referido no rascunho K (1950b), já incluiria em suas manifestações idéias delirantes, ainda

que, pela sucinta descrição que Freud nos oferece, não aparentem ter a mesma consistência dos delírios do período do retorno do reprimido. Estes sintomas do retorno do reprimido apresentariam, como na neurose obsessiva, traços de conciliação. Enquanto nas idéias delirantes haveria uma permanência quase completa do conteúdo - "apenas por omissão tem permanecido indefinido" (1896, p. 210) - as alucinações visuais teriam a característica de, diferentemente da histeria, e em similitude com o que ocorre na neurose obsessiva, sofrerem uma distorção por deslocamento, no tempo ("uma imagem moderna análoga toma o lugar da reprimida" - *idem* p. 210). Em relação às auto-acusações reprimidas, estas retornam sob a forma de pensamentos ouvidos em voz alta, distorcidas em dois aspectos: substituídas por elementos indefinidos ou "sendo referidos [os pensamentos] a experiências recentes que não são mais que análogas às antigas" (Freud, 1896, p. 211). Na paranóia não se pode falar em "sintomas de defesa secundária" (os que se formam visando à conciliação com os sintomas do retorno do reprimido) posto o ego não poder se defender de retorno do que acredita. Sendo assim, o ego terá de se adaptar aos elementos que aparecem com o retorno do reprimido (lembremo-nos de que com estes sintomas retorna junto a crença neles): aparecem, então, os delírios interpretativos que levam, finalmente, a uma alteração permanente do ego, com a qual adapta-se aos conteúdos que retornam.

Na carta 46, de 30/05/1896, Freud (1950c) acrescenta uma nova variável, temporal, em sua teoria da constituição da neurose: correlaciona o mecanismo de defesa a ser utilizado, determinante do quadro clínico que se instaurará, ao período da vida em que se deu a experiência traumática - apresentando uma divisão de três períodos anteriores à maturidade sexual. A lembrança de experiência sexual que se tenha dado em um período anterior leva à emergência de um excesso de sexualidade, o que terá como consequência a inibição do pensamento deste período e, associada, uma impossibilidade de se inibir a

lembrança - que passa, então, a apresentar "caráter obsessivo" (p. 312). À paranóia corresponderia uma experiência entre a segunda dentição e a maturidade (ou seja, a pré-adolescência) que, portanto, "quase não depende dos fatores infantis" (1950c, p. 314), sendo considerada a neurose de defesa por excelência - como que apontando para uma decisão consciente do sujeito (já referida no rascunho K). Assim, as neuroses corresponderiam à formação de estruturas conciliatórias entre os processos psíquicos inibidos e processos psíquicos não-inibidos. Associam-se necessariamente, na constituição das neuroses, um excesso de sexualidade e uma participação da produção da defesa. Freud afirma que "um aumento dos processos não-inibidos, ao ponto de eles manterem a posse exclusiva do acesso à consciência verbal, produz a *psicose*" (p. 316, grifo do autor). Percebe-se, aí, uma concepção de psicose (ainda uma referência clínica genérica) que se aproxima da referida à paranóia em que, ao final do processo, a defesa era considerada fracassada...

Na carta 52, de 06/12/1896, Freud (1950d) apresenta um modelo de estruturação do aparelho psíquico, prenunciando o apresentado em "A interpretação dos sonhos" (1900), de inspiração evolucionista, em que os registros mnêmicos das experiências sofreriam retranscrições, seguindo novas formas de associações, em determinadas fases da vida - uma elaboração do modelo descrito na carta 46. A repressão, neste modelo, é compreendida como a não transcrição de determinados conteúdos, o que se dá pelo fato de que a tradução destes levaria à produção de desprazer. Este efeito de uma lembrança levar à produção de desprazer só pode ser produzido por eventos sexuais, na medida em que sua recordação pode provocar magnitudes de excitação maiores do que as produzidas à época do evento - a partir do desenvolvimento sexual, ou seja, da interposição da adolescência. Como a cada retranscrição fica inibido o funcionamento anterior (aquele "segundo as leis psicológicas vigentes no período

anterior" - p. 319) a partir da retirada do excesso de sua energia, o conteúdo reprimido permanece organizado segundo o modo de funcionamento do período anterior à repressão. Neste modelo, portanto, Freud acrescenta um elemento formal ao cronológico já introduzido na carta 46. Na paranóia, a experiência sexual reprimida se daria entre os 8 e os 14 anos, ou seja, antes de as inscrições do *Unbewusstsein* (inconsciente) - traços que talvez corresponderem a lembranças conceituais e que estariam associados por laços outros que não os de simultaneidade, do registro anterior, mas talvez por laços causais - serem transcritas para o *Vorbewusstsein* (pré-consciente) - em que se ligariam às representações verbais (estas representações corresponderiam ao "nosso ego reconhecido como tal" - p. 318).

Na fase inicial da produção freudiana, portanto, a paranóia e a confusão alucinatória não compõem, ainda, qualquer grupo nosológico. Fazendo parte do grupo das neuropsicoses de defesa apresentam características que podem aproximá-las: organizam-se como processos de defesa em que o sujeito não toma como internas ao aparelho psíquico as marcas da experiência traumática. O conflito que nas demais neuropsicoses de defesa se dá entre duas representações intrapsíquicas, aqui se apresentará como conflito entre o sujeito e a realidade externa. Perde-se, através da projeção "abusiva", a possibilidade de uma mediação sustentada deste conflito em que toma parte o ego: a perda dos nexos entre o exterior e o interior, marca distintiva desta forma de projeção, teria como consequência processos que resultam em dominação do ego. Bercherie afirma ser "a idéia de uma subjugação, de uma dominação do ego ... essência do processo psicótico" (1988, p. 171).

Freud afirma, ao final do rascunho H (1950a), aproximando a confusão alucinatória e a paranóia, serem ambas "psicoses de desafio ou oposição" (p.

291), em que podemos compreender o desafio e a oposição como referidos aos limites entre o ego e a realidade: assim como na confusão alucinatoria a realidade se recompõe a partir da rejeição da idéia incompatível associada ao fragmento da realidade, na paranóia, além do retorno através das alucinações vindas do exterior, o processo de assimilação leva a uma reorganização das fronteiras entre o ego e a realidade, seja no sentido de engrandecimento ou retraimento do ego (nos processos que terminam em mania ou melancolia). Podemos, ainda, associar estes desafio e oposição a um trabalho realizado nestes quadros em que - diferentemente das outras psiconeuroses, nas quais se produzem conciliações desde o interior do aparelho - o encaminhamento do conflito, defensivo, ruma no sentido da manutenção de uma representação, sem sua transmutação em símbolos, "à revelia da informação oriunda da realidade externa e em desafio às imposições e às exigências desta mesma realidade." (Simanke, 1994, p. 101).

O processo de defesa nestes quadros implica uma rejeição ou/por projeção dos conteúdos, de tal modo que o sujeito não reconhece sua implicação na experiência traumática. Deste modo, os conteúdos - vindos de fora pois o sujeito não os toma para si - não se apresentam como símbolos ou substitutos para outros elementos: se substituição houver, esta se dá na troca dos espaços: o dentro é substituído pelo fora.

Durante alguns anos serão esparsas as referências à psicose na obra freudiana até que, em 1911, Freud publica o texto que continua sendo a referência psicanalítica em qualquer estudo sobre psicoses, "Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranóides)" (1911), conhecido como o "Caso Schreber". Aí Freud analisa o relato de Daniel Schreber, em seu livro "Memórias de um doente dos nervos" (1903), sustentando a validade deste procedimento - o estudo psicanalítico de um caso a partir de seu relato

escrito - no fato de paranóicos só falarem do que queiram (não podendo ser forçados a vencer suas resistências internas), além de terem a característica de expressarem, em seus relatos, coisas que os neuróticos tendem a manter em segredo (cf. Freud, 1911, p. 23).

No primeiro capítulo, Freud (1911) apresenta uma síntese do relato do presidente Schreber. Ressalta que Schreber se submetera a tratamento anteriormente e que, no início da crise relatada em seu livro, tivera alguns sonhos de que a antiga perturbação nervosa retornava, além de, por uma vez, estando num estado entre o sono e a vigília, ter-lhe ocorrido a idéia de que "afinal de contas, deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula" (p. 28). Freud informa que, quando de sua alta do sanatório, seu quadro se encontrava estabilizado e seu delírio se concentrava na idéia de "redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude" (p. 31), para o que seria necessária sua transformação em mulher de Deus. Freud afirma que o delírio primário de Schreber teria sido a idéia de ser transformado em mulher que sofreria abusos (como lhe ocorrera em pensamento pouco antes do início da crise). Segundo Freud, visto esta idéia lhe ser inaceitável, Schreber teria promovido uma transformação deste delírio de perseguição em delírio de grandeza, em que se posicionava como mulher, mas de Deus. Aquilo que era contrário à "Ordem das Coisas", sua submissão a outro homem, passa a estar em harmonia com a mesma Ordem. Em seu percurso de transformação do delírio Schreber teria, de asceta sexual e descrente em Deus, passado a crente em Deus e devoto de voluptuosidade - assumido, portanto, atitude feminina em relação a Deus. De acordo com Freud, "seu delírio de ser transformado em mulher nada mais era que a realização do conteúdo desse sonho [a idéia que lhe ocorrera ao acordar]" (p. 51).

Em seguida, Freud (1911) dedica-se a uma tentativa de interpretação do caso de Schreber, em que ressalta o papel fundamental desempenhado pelo dr. Flechsig, seu médico assistente. Aludindo à experiência adquirida com outros casos de paranóia, Freud relata ter firmado a opinião de que "a relação entre o paciente e seu perseguidor pode ser reduzida a fórmula simples" (p. 59), em que a pessoa odiada, por ser perseguidora, antes teria sido amada e respeitada; ou seja, "a intensidade da emoção é projetada sob a forma de poder externo, enquanto sua qualidade é transformada no oposto" (p. 60). Em aplicando esta fórmula ao caso de Schreber, tendo em vista o papel desempenhado pelo dr. Flechsig em seu delírio persecutório, Freud infere a existência de forte corrente libidinal homossexual que teria sido dirigida a ele. Freud afirma que esta corrente originalmente se voltava para seu pai, Gottlob Schreber, que também era médico. Partindo destes elementos, Freud relaciona diretamente o aparecimento da psicose de Schreber como uma defesa diante da irrupção de forte corrente libidinal homossexual. Assinala, portanto, serem as figuras dos perseguidores sucedâneos da figura do pai ("mais uma vez encontramos-nos no terreno familiar do complexo paterno", pag. 76).

Freud (1911), em síntese, propõe que o conflito, neste caso, tenha se dado a partir da frustração de Schreber pelo fato de não ter tido filhos - cujo nascimento poderia até mesmo levar ao escoamento de sua libido homossexual (cf. p. 78). A partir desta frustração, sobrevém uma fantasia de atitude feminina com emergência de libido homossexual que tivera seu pai como objeto. Com o mecanismo de defesa utilizado - centrado na projeção - surge o delírio de perseguição que, sofrendo sucessivas transformações, vem a atingir sua formulação final, em que a atitude feminina vincula-se diretamente à figura de Deus (um dos sucedâneos da figura paterna). Segundo Freud, a forma final do delírio, em verdade, representaria o resultado de um trabalho de conciliação entre

o desejo de se tornar mulher e as exigências do ego, atendidas através da megalomania.<sup>22</sup>

Numa terceira parte de seu estudo sobre Schreber, "Sobre o mecanismo da paranóia", Freud (1911, pp. 81-104) propõe-se delimitar o caráter distintivo da paranóia, indicando que este será encontrado a partir da "forma específica assumida pelos sintomas" (p. 81), diretamente referida aos mecanismos de formação do sintomas e, também, ao mecanismo pelo qual se dá a repressão (*idem*). Antes de passar ao estudo destes aspectos, contudo, Freud faz uma referência a uma inusitada associação entre homossexualismo e paranóia - constatada também por Jung e Ferenczi (cf. Freud, 1911, p. 81) - em que se confirma a análise promovida anteriormente sobre Schreber, na qual a paranóia se apresenta como defesa contra uma corrente erótica homossexual. Daí, retoma elemento recentemente introduzido na teoria psicanalítica (desde o ano anterior, no trabalho sobre Leonardo da Vinci [Freud, 1910]), a incipiente noção de narcisismo, apresentado como uma fase entre o auto-erotismo e a fase do amor objetual em que as pulsões se reuniriam para conseguir um objeto amoroso (cf. Freud, 1911, p. 83). Com o ultrapassamento da fase do narcisismo, as tendências homossexuais são sublimadas e postas a serviço dos "instintos sociais" (p. 83). Deste modo, sendo o narcisismo uma fase por que passa a libido, pode tornar-se um ponto de fixação libidinal que, em situações de frustração ou grande aumento da corrente libidinal, vem a receber novamente a libido que se sublimara nos "interesses gerais da humanidade" (p. 84). Assim, Freud assinala supor que tanto

---

<sup>22</sup> Em relação à megalomania percebe-se nítida transformação do pensamento freudiano: Freud explicitamente recusa a apreensão da megalomania como tentativa de racionalização do sujeito diante das ameaças provenientes do exterior (como fazia com a concepção de delírios assimilativos no rascunho K [1950b]), deixando em aberto a explicação para o fenômeno da megalomania (cf. p. 68), que só será atingida com o artigo sobre o narcisismo (1914).

na paranóia quanto na esquizofrenia haja fixação "entre os estádios de autoerotismo, narcisismo e homossexualidade" (p. 85).

Retomando a proposição de fantasia de desejo homossexual estar na base do conflito da paranóia, Freud (1911) assinala serem suas formas clínicas passíveis de derivação da proposição "eu o amo" (no caso de um sujeito do sexo masculino). Assim, os diferentes tipos clínicos da paranóia corresponderiam a diferentes negações dos termos desta proposição e, ainda, da negação da proposição como um todo. Os delírios de perseguição revelam a contradição do "amo" por "odeio" que deve ser seguida de projeção - pois "o mecanismo de formação de sintomas na paranóia exige que as percepções internas - sentimentos - sejam substituídas por percepções externas" (p. 86) - terminando em "ele me odeia": o que era um sentimento inconsciente surge como uma percepção externa (cf. *idem*). Na erotomania, há negação do objeto, masculino, que é substituído por outro, feminino; na seqüência de projeção resulta "ela me ama". Freud adverte para o fato de que, na erotomania, mesmo nas situações clínicas em que aparece um amor do sujeito em relação à amante, este amor é sempre secundário à substituição do objeto masculino pelo feminino, que será seguida de uma indispensável projeção - Freud faz referência a uma "necessidade de projeção" (p. 86) na paranóia. Retomemos a proposição "eu o amo": a negação de seu sujeito: não eu, mas ela, sim, "ela o ama" (que já comporta uma projeção) leva aos delírios de ciúmes. Freud apresenta ainda a possibilidade de contradição da proposição como um todo: não amo ninguém, tendo como resultado seu correlato "eu só amo a mim mesmo" (p. 88) - o que pode ocasionar a megalomania, que Freud assinala presente na maioria das formas de paranóia (cf. *idem*).

Freud (1911) retoma o percurso que havia traçado em busca dos traços distintivos da paranóia na *forma* dos sintomas, em que se articulam os mecanismos de formação dos sintomas e o mecanismo da repressão.<sup>23</sup> Mais uma vez, Freud reafirma que o processo através do qual se formam os sintomas na paranóia é a projeção, aqui referida quando "uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa" (p. 89) e, mais adiante, fará uma correção, em que apresenta o destino do conteúdo interno de forma mais radical: "aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora" (p. 95). Esta nova forma de se apresentar a projeção remete à referência de Freud, no rascunho H (1950a), à perda do nexo entre o interior e o exterior (como apresentado no início deste capítulo). Ao contrário do que afirmava, contudo, Freud não mais considera a projeção a marca distintiva da paranóia, seja pelo fato de não apresentar a mesma importância nas diferentes formas de paranóia, seja pelo fato de ser um mecanismo fartamente utilizado na vida quotidiana.

Não a tendo encontrado no mecanismo de formação dos sintomas, restará a Freud buscar a especificidade da paranóia no seu mecanismo de repressão. Freud (1911) esboça um processo em três fases, antecipando o modelo que apresentará no texto sobre repressão (1915c). Assim, num primeiro tempo ocorre a *fixação*, aqui tomada como a permanência de determinado componente pulsional em "estádio mais infantil" (p. 90), comportando-se "como se pertencesse ao sistema do inconsciente, como reprimida" (*idem*). Uma segunda fase é a da *repressão propriamente dita*, promovida de forma ativa pelo ego, que mantém afastados da consciência conteúdos indesejáveis ou conflituosos; nesta

---

<sup>23</sup> Como afirmamos anteriormente, desde o rascunho K (1950b) Freud introduzira uma separação entre o momento da defesa e a formação do sintoma, separação esta que mantém como hipótese inicial de trabalho neste texto.

fase é necessária alguma forma de atração promovida pelos conteúdos inconscientes. A terceira fase seria do *retorno do reprimido* que "toma seu impulso do ponto de fixação" (p. 91) e revela o modo de funcionamento libidinal compatível com a fase libidinal correspondente.

Freud (1911) prossegue analisando o mecanismo de repressão propriamente dita e, partindo dos fenômenos experimentados por Schreber de iminência de fim do mundo, afirma que a repressão na paranóia se produz com um "desligamento da libido em relação às pessoas - e coisas - que foram anteriormente amadas" (p. 95); haveria, portanto, uma descategorização generalizada da realidade ("das pessoas de seu ambiente, e do mundo externo em geral" - p. 93). Em consequência deste desligamento da libido o mundo do paranóico chega a um fim e caberá, então, reconstruí-lo novamente - de maneira a tornar possível sua existência - com a produção de seus delírios. Ao contrário do que se presumia, os delírios constituem "*uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução*" (p. 95 - grifo do autor). O processo de afastamento da libido seria silencioso, não perceptível clinicamente; temos acesso apenas às manifestações das tentativas de reconstrução.

Como o processo de repressão aí descrito - desligamento da libido - provavelmente não apresenta qualquer especificidade, posto ser provavelmente o que ocorre em toda repressão, Freud (1911) ressalta que devemos atentar para a utilização que é feita desta libido liberada. Na paranóia apresenta-se, segundo Freud, uma utilização particular: esta libido vincula-se ao ego, catexizando-o e, com o seu engrandecimento, levando ao freqüente fenômeno clínico da megalomania. Revela-se, desta forma, um retorno ao estágio do narcisismo (entre o auto-erotismo e o amor objetal) o que, segundo Freud, aponta para a existência, na paranóia, de uma fixação no estágio de narcisismo. Freud assinala que o processo de desligamento da libido (repressão) freqüentemente se dá de maneira

parcial o que, contudo, não o impede de que venha a se generalizar, no que levaria, então, à sensação de fim de mundo - como ocorrido com Schreber (cf. pp. 98-99). Logo, mesmo após uma repressão parcial (de apenas alguns elementos da realidade), pode-se proceder à tentativa de recuperação de contato com a realidade destas catexias específicas, ou seja, podem-se produzir manifestações delirantes sem que tenha havido um desligamento total da libido em relação à realidade.

Ao final de seu texto sobre Schreber (1911, pp. 100-102), Freud confronta suas referências da paranóia com o que se apresenta no quadro de parafrenia (nome que propõe como alternativo aos de demência precoce ou esquizofrenia). Freud insiste na proximidade entre estes dois distúrbios (ambos virão a ser incluídos no domínio das psicoses), apresentando em comum o fato de a repressão se dar com a retirada da libido dos objetos e seu conseqüente retorno ao ego. Freud aponta para a necessidade de separação entre estas duas entidades nosológicas, que se distanciam no que tange ao ponto de fixação - à parafrenia atribui o ponto de fixação em estágio anterior ao narcisismo, ao auto-erotismo,<sup>24</sup> com integral abandono da catexização objetal e retorno ao prazer de órgão, a partir da fragmentação da imagem corporal que se alcançara no narcisismo. Outra diferenciação refere-se ao mecanismo de retorno do reprimido, posto que na esquizofrenia se faria uso de um mecanismo alucinatório próximo do histérico,<sup>25</sup> e não do mecanismo de projeção, como na paranóia. Diferem, portanto, nas fases extremas do mecanismo de repressão proposto neste texto, ou seja, no ponto de fixação libidinal e no retorno do reprimido.

---

<sup>24</sup> Esta distinção tornar-se-á menos clara quando Freud vier, no curso da segunda tópica, a aproximar o narcisismo do auto-erotismo (cf. Simanke, 1994, p. 156 )

<sup>25</sup> Podemos compreender este mecanismo como a "inervação conversiva do aparelho sensorial" (cf. Simanke, 1994, p. 154).

O estudo da parafrenia, juntamente com a abordagem do homossexualismo, impulsionam Freud em direção à conceitualização do narcisismo. Freud publicará "Sobre o narcisismo, uma introdução" (1914), em que avançará algumas formulações referentes às psicoses. Reafirma que nas parafrenias<sup>26</sup> se dá uma retirada das catexias do mundo externo, que se retraem em direção ao próprio ego. As catexias, que se constituíam como libido objetal, retornariam a seu objeto primeiro, o ego, no que se constitui como libido do ego (devemos recordar que Freud encontra-se num embate com Jung em que tenta manter, a todo custo, um dualismo pulsional que sempre sustentara). Com esta hipercatexização do ego, configura-se o quadro de megalomania ("elaboração interna da libido que voltou ao ego"- p. 102). Segundo Freud, quando esta elaboração falha, o acúmulo no ego dá origem à hipocondria, considerada a equivalente, da libido do ego, à ansiedade neurótica nas neuroses atuais, referida à libido objetal: ambas revelam acúmulo de libido, seja do ego, seja objetal. Para Freud, uma das formas de se escoar esta libido acumulada será justamente através da recatexização das representações dos objetos, "numa tentativa de restauração à qual se devem as surpreendentes manifestações da doença" (p. 103), ou seja, constituindo os delírios na paranóia e as alucinações na esquizofrenia.

Na sétima parte do artigo "O inconsciente", Freud (1915b) uma vez mais toma fenômenos observados com psicóticos para buscar maior elucidação sobre o funcionamento do inconsciente. Partindo da proeminência de alterações na fala dos esquizofrênicos, em que "a construção de suas frases passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós" (p. 225), Freud aponta, ainda, uma proeminência de referências corporais em seu discurso que

---

<sup>26</sup>Aqui não mais se referindo apenas à esquizofrenia, mas abarcando também a paranóia (cf. Freud, 1914, p. 103).

apresenta uma relação peculiar, na comparação com as neuroses de transferência, entre o "substituto e o material reprimido" (*idem*). Tomando dois exemplos do relato de uma paciente de Tausk, Freud demonstra que nas manifestações discursivas referidas ao corpo da paciente verificam-se pelo menos duas particularidades se comparadas às presentes em casos de histeria: primeiramente, a manifestação discursiva não se acompanhava de qualquer alteração real do corpo; além disso, é absolutamente inusitado o fato de, juntamente com a referência às alterações, se associarem pensamentos conscientes que funcionam como sua interpretação.<sup>27</sup> Esta predominância das referências corporais, em que "a relação da paciente com o órgão corporal ... arrogou-se a si a representação de todo o conteúdo" (p. 226), com as características referidas acima, Freud a chama "fala do órgão" (*idem*).

Freud (1915b) assinala que na esquizofrenia as palavras sofrem tratamento semelhante ao que se verifica nos processos oníricos, ou seja, o discurso se apresenta submetido às condições do processo psíquico primário<sup>28</sup>; além disso, aponta para o fato de que a estranheza provocada pelas formações substitutivas e pelos sintomas nos esquizofrênicos está relacionada ao fato de haver uma "predominância do que tem a ver com as palavras sobre o que tem a ver com as coisas" (p. 229). Assim, segundo Freud, as substituições e associações que ocorrem no discurso se dão referidas não às coisas que se tentaria representar mas, sim, às palavras de que o esquizofrênico faz uso: "onde as duas - palavras e

---

<sup>27</sup>Lembremos que na introdução ao estudo do presidente Schreber, Freud (1911) já indicava que os psicóticos têm a tendência de falar de assuntos que para os neuróticos permanecem como segredos, sob a repressão.

<sup>28</sup>Nome dado ao modo de funcionamento psíquico que caracteriza o sistema inconsciente, no qual há livre escoamento e transmissão da energia psíquica entre as representações, tendo como efeito a produção de deslocamentos e condensações (cf. Laplanche e Pontalis, 1967, p. 474).

coisas - não coincidem, a formação de substitutos na esquizofrenia diverge do que ocorre nas neuroses de transferência" (p. 229).

A partir daí, Freud (1915b) sugerirá a reformulação de sua concepção de que na esquizofrenia estariam descatexizados os objetos, ou seja, a representação dos objetos: partindo dos dados sintetizados acima, propõe que se afirme a catexização das representações-palavra (noção já apresentada no primeiro capítulo desta dissertação). Apontando para o estranheza da hipótese de - em se mantendo a tese da repressão nas psicoses se dar através de uma retirada da catexia dos objetos - se supor que se mantenham catexizadas as representações-palavra, presentes no pré-consciente, em detrimento de uma descatexização apenas das representações-coisa, Freud retoma a hipótese de uma descatexização dos objetos - aí incluindo suas duas formas de presentificação no psiquismo - como o mecanismo da repressão na esquizofrenia. Aponta a catexização da representação-palavra como um passo subsequente, já fazendo parte do processo de tentativa de cura (cf. p. 232). Neste processo de cura, só se encontraria o elemento verbal do objeto, "vendo-se obrigadas [as tentativas] a se contentar com palavras em vez de coisas" (p. 232). Deste modo, Freud vai discriminando mecanismos específicos de repressão, em suas diversas fases, que caracterizariam os quadros abarcados na categoria de psicose.

Em "Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos", Freud (1917a) retoma o estudo do processo onírico abordando-o como protótipo para se estudar a esquizofrenia. Assinala uma diferença básica entre os dois processos: enquanto na esquizofrenia as modificações se dão sobre as representações-palavra presentes no pré-consciente, no sonho as transformações se dão sobre as representações-coisa a que as palavras foram levadas. Não há, portanto, regressão topográfica na esquizofrenia, sendo-lhe mesmo característica a interrupção da comunicação entre a catexia da representação-palavra e da

representação-coisa, ou seja, entre o que se constituiria como sistema inconsciente e o sistema pré-consciente (cf. p. 261). As alucinações na esquizofrenia são reafirmadas como tentativas de restituição de uma relação com o mundo - diferente do que acontece na amênia de Meynert,<sup>29</sup> em que o sistema alucinatório se revela como um modo de satisfação de desejos (cf. p. 262). Freud assinala que, na amênia, a ruptura da relação com a realidade se dá através de uma descatexização do sistema consciência-percepção, de tal modo que fica comprometida a efetuação do teste de realidade (que diferenciaria as percepções provenientes do mundo externo de outras formas de estimulação perceptiva). Freud finaliza este texto apontando para uma "*topografia* do processo de repressão" (p. 267, grifos do autor):

"nos sonhos, a retirada da catexia (libido ou interesse) afeta igualmente todos os sistemas; nas neuroses de transferência, a catexia do *Pcs.* é retirada; na esquizofrenia, a catexia do *Ics.*; na amênia, a do *Cs.*" (p. 267).

Vamos percebendo que este processo de repressão na esquizofrenia, envolvendo a retirada das catexias das representações inconscientes, ou seja, das representações-coisa, tem como efeito um esvaziamento ou mesmo isolamento deste sistema (*Ics*), na medida em que ficam inviabilizadas as comunicações entre o sistema pré-consciente e o que se constituiu como inconsciente.

Após a apresentação de seu modelo estrutural da mente, que já buscava incorporar o novo dualismo pulsional de 1920, Freud retorna à questão da diferenciação entre a psicose e a neurose. A partir da concepção da segunda tópica, em que o ego é visto como "uma pobre criatura que deve serviços a três senhores...: o mundo externo, a libido e a severidade do superego" (Freud, 1923, pp. 72-73), Freud buscará a compreensão genética dos conflitos psíquicos nos

---

<sup>29</sup> Outra denominação utilizada por Freud ao se referir à confusão alucinatória, quadro abordado desde seu texto "As neuropsicoses de defesa" (1894).

avatares da relação do ego com as demais instâncias do aparelho psíquico. Em "Neurose e Psicose", Freud (1924a) contrapõe à gênese da neurose (dispensando, a partir daí, o complemento "de transferência"), resultado de conflitos entre o ego e o id, a gênese da psicose - termo que passa a constituir uma categoria nosológica - em que o conflito se dá nas relações entre o ego e o mundo externo. Na amênia de Meynert, em que não se percebe qualquer efeito de possíveis percepções que o sujeito tenha da realidade ambiente, evidencia-se que, além do referido desligamento do mundo externo, "perde sua significação" (p. 191) seu representante no sujeito, o mundo interno.

É interessante esta referência ao domínio da significação feita por Freud, principalmente por que a associa (a sua perda) diretamente à perda de suas catexias (cf. p. 191). Não podemos deixar de evocar a apresentação da paranóia no rascunho H (1950a), em que Freud caracterizava o abuso da utilização do mecanismo de projeção, na paranóia, a partir da perda do nexos de sentido que unia o conteúdo do interior e o elemento externo, decorrente da projeção daquele conteúdo. Devemos articular, ainda, esta perda de sentido à descatexização das representações inconscientes referida no artigo sobre o inconsciente (1915b), quando Freud abordava a esquizofrenia.

A partir daquela perda do sentido da realidade, restará ao ego a possibilidade de criar novos mundos externo e interno, que serão moldados em atenção aos impulsos do id. Freud (1924a) reafirma a hipótese de que o delírio se instaurará como tentativa de restaurar uma continuidade na relação do ego com o mundo exterior; o delírio é aqui caracterizado como "um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo" (p. 191). Ressaltando que o fato de nem sempre se identificar o conflito - ou frustração - que desencadeou a psicose pode ser atribuído a que, neste ponto de ruptura, constrói-se o delírio, concebido como tentativa de reconstrução. Freud

finaliza o artigo afirmando que o mecanismo de desligamento do ego em relação ao mundo externo é *análogo* à repressão, sem com ela se confundir.

Ainda em 1924, Freud publica novo artigo, "A perda da realidade na neurose e na psicose" (1924b), em que dá continuidade às formulações apresentadas no texto anterior. Partindo da constatação anteriormente feita de que na psicose se daria uma perda da relação com a realidade, Freud busca refinar esta afirmação, diante da evidência clínica de que a neurose tem como efeito algum afastamento do neurótico em relação à sua realidade. A perda da realidade referida acima, diferencial entre os dois quadros, seria percebida desde os estágios iniciais da formação da psicose, enquanto que, na neurose, tal perda só se efetivaria a partir do retorno do reprimido - em verdade quando da instauração clínica da neurose (no fracasso da repressão). Assim, mantém-se a perspectiva de que a psicose, de início, está ligada a algum afastamento da realidade, fenômeno primeiro, ainda que silencioso, em sua instauração, e ao qual se seguirá uma tentativa de restauração da realidade, tentativa esta que se dará seguindo os desígnios do id (cf. p. 231). Portanto, "a psicose a repudia [à realidade] e tenta substituí-la" (*idem*). Esta substituição contará com a participação inclusive da constituição de novas percepções, materializadas em alucinações, tentando dar consistência à realidade reconstruída. Este deverá ser um processo constante, já que "o fragmento de realidade rejeitado constantemente se impõe à mente" (p. 232). Freud, finalmente, afirma que tão importante quanto o desligamento da realidade, na caracterização nosológica, será a consideração sobre a formação dos substitutos à realidade perdida: enquanto na neurose tais substitutos se encontram na fantasia, apta a se ligar à realidade, adquirindo assim um caráter simbólico, na psicose "o novo e imaginário mundo externo ... tenta colocar-se no lugar de realidade externa" (p. 234). Os novos conteúdos, portanto, não se

articulam com os elementos antigos mas, ao contrário, pressupõem a anulação das representações e percepções prévias.

Freud, em seu texto sobre a negativa (1925), é levado a estudar a função de julgamento, relacionando-a, originariamente, à formação de dois tipos de juízo: de atribuição e de existência (cf. p. 297). A partir da operação do juízo de atribuição, vai se delineando a separação entre o fora e o dentro, entre o ego e a realidade externa, na medida em que o ego (aí referido como ego-prazer, que podemos apresentar como o protótipo da estruturação subjetiva que funciona segundo as regulações de prazer/desprazer - cf. p. 297) toma em seu interior as representações prazerosas enquanto que expulsa as que provocariam desprezer. Num segundo momento, caberia ao ego-realidade a consecução do juízo de existência, em que se verifica da existência ou não de determinada representação no campo das percepções; através do juízo de existência o ego poderá afirmar se reencontrou ou não, na realidade externa, uma representação que já contém em seu interior. Freud complementa: "trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de *externo e interno*" (p. 298) - questões diretamente relacionadas às provocadas pelo estudo das psicoses. Freud associa a afirmação, no julgamento, a Eros, enquanto que a negação ("o sucessor da expulsão" - p. 300) é relacionada ao "instinto de destruição" (*idem*) e relaciona o negativismo dos psicóticos à defusão pulsional, com o desligamento dos investimentos libidinais e conseqüente predominância da pulsão de morte - assim explicando a tendência à expulsão (das representações) encontrada nas psicoses.

A partir de então, até o fim de sua obra, Freud colocará em questão suas concepções estabelecidas sobre o mecanismo das psicoses - sem contudo formular-lhes substitutos (cf. Freud, 1940).

Tomemos as contribuições sobre nosso tema trazidas por Jacques Lacan, que fez sua introdução na psicanálise, vindo da psiquiatria, através do estudo das psicoses. Desde sua tese de doutoramento "Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade" (Lacan, 1932) o estudo das psicoses tem papel importante no desenvolvimento da pensamento lacaniano; além disso, Lacan trouxe contribuições importantes às teorizações sobre as psicoses. No início do desenvolvimento de sua teoria, Lacan centra sua apreensão da clínica e teoria psicanalíticas numa referência lingüística, sob uma perspectiva estruturalista, buscando enfatizar a importância da fala e da linguagem no campo da psicanálise; como afirma Miller (1987), "nessa época, a categoria que é dada como a dimensão essencial da experiência é a do simbólico" (p. 15) . Neste fase, tem papel fundamental a reflexão sobre as psicoses - haja vista o fato de seu seminário III, dos anos de 1955 e 1956, tendo por tema as psicoses, ter sido proferido antes mesmo da divulgação do texto "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (Lacan, 1957), conferência proferida em maio de 1957, em que Lacan articula de maneira sistematizada elementos da teoria psicanalítica com a lingüística estruturalista, fazendo inúmeras referências a diversos temas tratados naquele seminário terceiro. Em seu escrito "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (1959) - em que aborda exaustivamente a questão das psicoses, retomando, com maior sistematização, algumas das formulações apresentadas no seu seminário - Lacan afirmará que se impõe "definir este processo [da psicose] pelos determinantes os mais radicais da relação do homem com o significante" (p. 537).

Cabe, portanto, introduzirmos alguns balizamentos apresentados por Lacan no que tange à relação do homem com o significante. Em seu seminário "As formações do inconsciente", Lacan (1958b) aponta que, ao se iniciar o Édipo, a criança encontra-se completamente submetida aos desígnios da mãe, tomada

como aquela que primeiro encarna o Outro da linguagem. Onipotente, este Outro teria a capacidade de, a seu bel prazer, satisfazer ou não as virtuais necessidades da criança que, deste modo, encontra-se a ele inteiramente submetida. Este Outro, caprichoso, apresenta-se como sem limites ou leis que o regulassem ("decreta, legifera, aforiza, é oráculo e confere ao outro real sua obscura autoridade" - [Lacan, 1960, p. 809]).<sup>30</sup>

Lacan denominará Nome-do-Pai o significante que veicula a Lei na relação do sujeito com o Outro, através da operação da metáfora paterna, apresentada no seu escrito "De uma questão preliminar ..." (cf. 1959, p. 557), seguindo o modelo anteriormente apresentado de metáfora, em que "na substituição de um significante por significante... se produz um efeito de significação" (Lacan, 1957, p. 515). A metáfora paterna é assim constituída:

<u>Nome-do-Pai</u>	.	<u>Desejo de Mãe</u>	----	>	Nome-do-Pai	.	( <u>A</u> )
Desejo da Mãe		Significado ao sujeito					( Falo )

Nesta operação da metáfora paterna o significante da Lei, Nome-do-Pai, vem substituir o significante do Desejo da Mãe - aqui representado como significante na medida em que é colocado "no lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe" (Lacan, 1959, p. 557). Podemos compreender que a possibilidade de representação deste Outro absoluto como significante<sup>31</sup> Desejo da Mãe seja uma indicação de que o Nome-do-Pai é um significante veiculado no próprio discurso da mãe: implica, necessariamente, que a mãe (aqui tomada no lugar deste Outro primordial) aponte, de algum modo, que seu desejo se dirige a outro lugar: um lugar terceiro. Será, portanto, em referência a este lugar, do pai,

<sup>30</sup>Neste contexto, podemos afirmar que a criança se identificaria com o falo imaginário da mãe - aí pressupondo uma falta na mãe e ser o falo aquilo que pudesse efetivamente completá-la.

<sup>31</sup>Condição necessária à formulação de uma metáfora.

que poderá operar a metáfora, em que o Nome-do-Pai substitui o significante Desejo da Mãe, tendo como efeito a produção, do lado da significação, do significante falo.

Diversos são os efeitos da operação da metáfora paterna: do lado do sujeito, rompe-se a identificação ao falo imaginário da mãe, na medida em que fica implicada a passagem do falo imaginário - aquilo que completaria imediatamente o Outro - ao estatuto de significante. Na dimensão significante, o falo representa a castração do Outro, constituindo-se como o significante da falta do Outro (cf. Lacan, 1960), e se encontrará, daí por diante, do lado da significação, portanto, por sob a barra da repressão (cf. Lacan, 1957, p. 515). Por isso, o sujeito não terá consciência do que representam os lugares em que se coloca diante do Outro, ou seja, as posições subjetivas que vier a ocupar frente ao Outro estarão referidas a tentativas de completar o Outro porém, desta dimensão, o sujeito não terá consciência. Sob a repressão, contudo, o significante fálico será "o significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado, enquanto que o significante os condiciona por sua presença de significante" (Lacan, 1958a, p. 690).

Em verdade, a metáfora paterna "propicia ao sujeito um saber, saber fundado no mito do Édipo, que lhe revela a falta no Outro" (Souza, 1996, p. 23): o sujeito sabe, ainda que este saber lhe seja inacessível, por sob a barra da repressão, que o Outro é faltoso, falta-lhe o que é significantizado pelo falo. Este será o saber que constituirá o inconsciente - saber sobre a castração do Outro. No movimento de instauração deste saber, dá-se a apropriação do Outro da linguagem como inconsciente: o sujeito tomará como suas as determinações que teriam advindo do Outro. Se as determinações que constituem o sujeito são significantes, portanto advindas do Outro, o sujeito neurótico disso não tem consciência - esta dimensão de determinação pelo significante está reprimida. O

neurótico, portanto, "habita a linguagem", afirmará Lacan no seminário III (1981, p. 284) referindo-se à apropriação que o neurótico faz deste Outro, da linguagem, a partir do qual teria sido determinado.

À significação assim produzida, significação fálica, estarão referidas todas as significações decorrentes das cadeias significantes do sujeito. Estas significações são fálicas por serem diretamente relacionadas ao Édipo: são referidas ao que falta ao Outro, falta esta relacionada ao pai por apresentar-se regulada por uma Lei que, no fato mesmo de barrar, cria e organiza todo um campo de possibilidades para o sujeito e o Outro. Desta significação, Souza (1991) dirá que "ao mesmo tempo em que suscita o efeito de verdade, aponta aí mesmo para algo irreduzível que não se deixa apreender numa ilusão totalizante" (p. 15).

Lacan (1981) indica que o Nome-do-Pai, dada sua propriedade de ordenar os efeitos de significação produzidos pelo significante, é o significante que proporcionará uma amarração entre a ordem do significante e a do significado, assim funcionando como o *ponto de basta*, definido como "o ponto em que vêm se atar o significado e o significante" (p. 303). Será a partir deste ponto que, em se interrompendo o deslizar da cadeia significante, produz-se, retroativamente, o efeito de significação - fálica.

O Nome-do-Pai, marcando a falta no campo do Outro, sua incompletude e inconsistência, destaca, neste campo, um lugar que poderá vir a ser tomado pelo sujeito. Deste modo, pela ação da metáfora paterna, o sujeito terá escavado seu lugar no campo do Outro - lugar vazio, pura marca diferencial, que constitui o *traço unário*, marca distintiva da pura diferença, a partir da qual o sujeito poderá

realizar sua identificação simbólica ao pai (cf. Lacan, 1961, lição de 13/12/61).<sup>32</sup> Será a partir deste lugar, em que o significante da falta do Outro - o falo - é tomado como suporte identificatório do sujeito, que se organizarão as relações imaginárias decorrentes do estádio do espelho (cf. Lacan, 1949). Como afirmado no primeiro capítulo desta dissertação, neste estádio - em que se constitui a imagem do ego a partir da imagem do outro - é determinante a participação do simbólico. Agora, podemos perceber que aquele suporte simbólico, o Ideal do eu, encontra-se exatamente no ponto em que o Outro é faltoso: a constituição das imagens do eu e do eu ideal corresponderá, portanto, a uma forma de preencher e encobrir a castração do Outro (cf. Freud, 1914, p. 108).

Avancemos na tentativa de compreensão das relações entre a evidência de uma falta do Outro e a possibilidade de constituição do sujeito, apoiando-nos na apresentação feita por Lacan, no seminário XI (1973), das operações constituintes do sujeito, a *alienação* e a *separação* (pp. 198-203). Na primeira, alienação, o *infans* se vê constringido a uma opção entre seu ser e a ordem do sentido, aportada pelo Outro do significante. Assim, em qualquer escolha que faça, virá a perder: escolhendo o ser, perde a dimensão do sentido - em que se poderia produzir como sujeito - e desaparece; escolhendo o sentido, por sua vez, perde o seu ser, vindo a "ser regido por uma dialética que o condena a desaparecer para surgir" (Souza, 1991, p. 67). A partir da alienação podemos afirmar que o sujeito, de partida, apresenta-se dividido entre o ser e o sentido. Lacan afirma que

"é da natureza desse sentido, tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante. (1973, p. 200).

---

<sup>32</sup>Na teoria lacaniana, o suporte a esta identificação simbólica é referido como S1.

Na segunda operação, separação, entra em consideração a dimensão da perda sofrida na operação anterior. Defrontando-se com a dimensão de falta, de castração do Outro do significante - revelada nos intervalos de seu discurso e que se lhe apresenta como um enigma - o sujeito superpõe a falta inerente à sua opção forçada, ou seja, a perda de seu ser advinda da alienação, tempo prévio, à falta que percebe no Outro. Esta superposição das faltas, Lacan a representa, no seminário XI, em linguagem matemática, como a interseção de dois conjuntos (cf. 1973, p. 202), e corresponde, na teoria lacaniana, à noção de objeto  $a$  - o que se produz, na separação, como faltando ao Outro e ao sujeito.<sup>33</sup> Em se defrontando com a falta que apreende no Outro - produzida por operação do Nome-do-Pai - o sujeito a toma como um enigma em que se vê implicado e compelido a resolver. A primeira resposta que advém ao sujeito para este enigma é a de que o Outro quer a sua própria falta. Lacan afirma que "o sujeito traz a resposta da falta antecedente de seu próprio desaparecimento, que ele vem aqui situar no ponto da falta percebida no Outro" (1973, p. 203). Souza (1991) nos esclarece:

"em fazendo equivaler a falta surpreendida no Outro à sua própria, em se utilizando da astúcia de provocar com seu desvanecimento, falta no Outro, o sujeito conquista um lugar aí, no furo do Outro" (p. 68).<sup>34</sup>

Como dizíamos, tem-se como efeito da metáfora paterna a inclusão da Lei no Outro: este, por sua vez, perderá o acesso a um gozo ilimitado, diante do qual nada restaria ao sujeito a não ser a seus caprichos se submeter. Este gozo do Outro, gozo perdido, é um gozo interdito a *todo* falante. Souza refere-se a este

---

<sup>33</sup>Em nota acrescentada, quando da publicação dos Escritos (1966) ao texto "De uma questão preliminar..." (1959), Lacan assinala que o campo da realidade - resultado da articulação dos registros simbólico e imaginário - se sustenta também pela extração do objeto  $a$  (p. 553).

<sup>34</sup>É interessante assinalarmos a evidente proximidade entre o mecanismo aqui descrito de separação e o que apresentávamos, no primeiro capítulo desta dissertação, como próprio do movimento pulsional.

gozo como o "nome lacaniano do para-além do princípio do prazer, lugar mítico onde sujeito nenhum jamais pisou, região interditada a todo aquele que fala" (1990, p. 54).<sup>35</sup> Ao falante, restará apenas um gozo-fora-do-corpo, gozo sexual, veiculado pelo simbólico, o gozo fálico. Assim, por ação da metáfora paterna, o sujeito terá seu acesso ao gozo diretamente articulado à dimensão simbólica, um gozo relacionado ao significante - referido à dimensão do falo, que também representa a perda do gozo do Outro, de seu gozo do corpo (cf. Lacan, 1960). Será, portanto, a partir da operação da metáfora paterna que os sujeitos poderão se localizar na partilha dos sexos. Ou seja, o posicionamento frente à lei fálica determinará a posição do sujeito: homem, se completamente submetido à lei fálica, enquanto que mulher se não-toda a ela submetida (cf. Lacan, 1975b).

Tomemos mais detidamente as formulações lacanianas sobre as psicoses. Lacan apresenta a operação do Nome-do-Pai em seu escrito "De uma questão preliminar..." (1959), em que aborda a questão das psicoses centrando-se no estudo do caso Schreber (Freud, 1911). Neste texto, Lacan, em busca de apreender a especificidade da psicose, aponta um mecanismo específico que a marca como estrutura particular: a foraclusão. Foraclusão (*forclusion*)<sup>36</sup> é a tradução proposta por Lacan para a *Verwerfung*, termo utilizado por Freud até mesmo em relação a psicoses (cf. Freud, 1894), porém sem qualquer especificidade para este campo, e nunca tendo sido elevada à categoria de

---

<sup>35</sup>Este será, portanto, uma forma de apreendermos o gozo perdido ao qual nos referíamos no primeiro capítulo desta dissertação, e que Lacan denominará também gozo do corpo (cf. 1975, p. 16).

<sup>36</sup>O termo *forclusion* tem origem no vocabulário jurídico e encontra seu equivalente em português no conceito de prescrição, referido a processos judiciais em que "não se pode apelar, recorrer, por se ter perdido o prazo legal" (Quinet, 1990, p. 18); Quinet aponta ainda, para o uso de *forclusion* aplicado, na gramática francesa, "a um fato que o locutor não considera como fazendo parte da realidade ... algo que desconsidera completamente" (*idem*, p. 19).

conceito por Freud. Lacan se apoia na utilização feita por Freud deste termo ao apresentar o caso do Homem dos Lobos, referindo-se à atitude do paciente frente à castração:

"Rejeitava a castração e apegava-se à sua teoria de relação sexual pelo ânus. Quando digo que ele a havia *rejeitado*, o primeiro significado da frase é o de que ele não teria nada a ver com a castração, no sentido de havê-la reprimido. Isso não implicava, na verdade, em julgamento sobre a questão da sua existência, pois era como se não existisse." (Freud, 1918, p. 107 - grifos nossos).<sup>37</sup>

A forclusão, para Lacan, será o mecanismo a partir do qual se constituem os quadros de psicose, assim como a neurose se instaura a partir da *Verdrängung*. Nesta, o significante da falta do Outro submerge, no simbólico, por sob a barra da repressão; na forclusão, não: a rejeição implica a não entrada deste significante para o campo do Outro, ou seja, sua permanência num campo exterior ao simbólico, no que, por exclusão, se constitui como o campo do real. De um significante foracluído, por não estar articulado a outros significantes, não se poderá dizê-lo, a rigor, significante. Assim como na neurose o material reprimido pode-se inferi-lo a partir do retorno do reprimido, como significante, à forclusão segue-se um retorno do foracluído a partir do campo exterior ao simbólico: Lacan afirma que "o que não veio à luz desde o simbólico, aparece no real" (1954, p. 388).

Sobre o que incidiria a forclusão característica da estrutura psicótica? Lacan é bem explícito: trata-se, na psicose, "da forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no *fracasso* da metáfora paterna" (Lacan, 1959, p. 575 - grifo nosso). Deste modo, o Outro do psicótico não conterà o significante da Lei, o

---

<sup>37</sup>Assinalemos que neste trecho Freud se refere à *Verwerfung* como algo que não tem relação com a repressão nem tampouco com qualquer julgamento sobre sua existência (no texto sobre a negativa, de 1925, Freud afirmará o juízo de atribuição logicamente anterior ao juízo de existência). A referência ao "nada a ver" reafirma a indicação de exterioridade já implicada no termo *Verwerfung*.

Nome-do-Pai, em função do que se poderão observar diversas conseqüências na clínica; Souza afirma, referindo-se às repercussões clínicas da forclusão do Nome-do-Pai, que "todas elas giram em torno da falência da Lei" (1991, p. 18). Antes de passarmos a estudá-las, é importante assinalarmos que, nesta abordagem de Lacan sobre a psicose, a presentificação da dimensão de fracasso, citado acima, é reveladora de que a apreensão do objeto psicose, pela teorização lacaniana deste período, se dá a partir de sua constituição como uma negatividade. Tomando-se como modelo o que se propõe para a neurose, explica-se o que acontece na psicose a partir da não ocorrência de um passo indispensável àquela, ou seja, a repressão do Nome-do-Pai. Como afirma Calligaris, "que o próprio da psicose seja a forclusão do nome-do-pai, é uma afirmação negativa, segundo a qual a psicose não é a neurose, e só" (1989, p. 19).

Tomemos, então, algumas conseqüências da não marcação do Outro pelo significante da Lei. O Outro aparecerá ao sujeito como completo, consistente, sem furos, de modo que o sujeito não encontrará nenhum lugar, naquele campo do Outro, em que possa ancorar sua existência. Não contará, portanto, com um significante que o represente no campo do Outro pois, como vimos, o significante que representa o sujeito no Outro se instaura a partir da presença de um furo neste Outro. Diante de um Outro a quem nada falta, nenhum lugar se oferece ao sujeito. Podemos, assim, inferir que, dada a inexistência de algum vazio neste campo do Outro, a operação de separação, na psicose, não chega a se completar (cf. Souza, 1991, p. 73). Nesta perspectiva, o psicótico é reduzido a "um objeto decaído, sem contorno, sem moldura, objeto não identificado, resto lançado à toa..." (Souza, 1991, p. 71). Esta será a condição em que, de partida, é colocado o sujeito psicótico após o desencadeamento da psicose.

Lacan, em seu escrito sobre as psicoses (1959, p.534), relata o caso de uma paciente que alucinou a palavra "porca" após ter pensado, ao passar por seu

vizinho: "venho do salsisheiro". Lacan aponta que o pensamento da paciente mantinha um cunho alusivo decorrente do fato de o enunciado não poder se sustentar em nenhum sujeito da enunciação (cf. p. 535) - por falta de sua ancoragem no campo do Outro: nada, neste campo, aloja o sujeito. Aquilo de que o psicótico se revela carente - nesta situação clínica trata-se de inexistência do sujeito da enunciação - devido à forclusão, retorna, neste momento, a partir do real. A alucinação da palavra porca aponta para a determinação de um lugar para o sujeito. Lugar de objeto, sem dúvida, porém que de todo modo o desloca provisoriamente do desterro absoluto, mortificante, a que estaria condenado se não lhe restasse algum lugar. Desterro em que se evidencia a impossibilidade de produção de uma significação: a ausência do sujeito da enunciação levou a uma oscilação, a uma tensão que se interrompe com a emergência, no real, da palavra porca: vinda no lugar do sujeito da enunciação, funciona, também, como ponto de basta.

Este é o grande drama por que passa o psicótico: devido à falta de um lugar significativo a partir do qual se poderia colocar como sujeito, diante das situações que exigem este posicionamento seu mundo se desvanece. O psicótico tem, continuamente, de produzir uma ancoragem, *qualquer que seja*, em que possa se articular ao Outro. Disso nos dá provas também o presidente Schreber, em passagem assinalada por Lacan no seu escrito sobre as psicoses (1959): Schreber relata que, ao menor afastamento de Deus, a primeira conseqüência é a ocorrência do *milagre do urro* (XV [205]),<sup>38</sup> em que um urro é arrancado de seu peito, mantendo-se sua boca inapelavelmente aberta "sobre o indizível vazio" (Lacan, 1959, p. 560) - numa confrontação com o vazio que se avizinha pelo

---

<sup>38</sup>Nas referências às memórias de Schreber, teremos como base a edição original alemã: anotaremos em algarismos romanos o número do capítulo e, entre colchetes, o número da página naquela edição - sendo ambos elementos anotados na edição brasileira (Schreber, 1903).

distanciamento deste Outro de quem Schreber depende visceralmente - até que se retomem indícios da aproximação de Deus. Lacan refere-se a este fato como evidência de um "dilaceramento subjetivo" (*idem*) decorrente do afastamento do Outro: a hipótese do afastamento de Deus aterrorizava Schreber, pois significaria a perda da condição em que sua existência encontrava algum sentido, passando Deus a gozar dele como dejetivo.

Assim, caberá ao sujeito psicótico um trabalho permanente de tentar produzir seu lugar significativo no Outro. Como referido acima em relação ao caso apresentado por Lacan em seu escrito sobre as psicoses, a própria alucinação - retorno, no real, do foracluído (cf. Lacan, 1954) - já aponta para alguma forma de relação com o Outro: através da alucinação o sujeito é colocado no lugar de objeto do Outro. Encontra um lugar de objeto, porém, como o Outro não tem Lei, este dele se utiliza sem qualquer regra. Neste contexto, o psicótico se apresenta como objeto de gozo para o Outro. A alucinação, mal menor em relação ao abandono pelo Outro, é, contudo, vivida pelo sujeito como uma evidente invasão, e vem acompanhada, na falta de outras mediações, de grande sofrimento.

Diferente do que acontece com neuróticos, para os psicóticos o Outro se apresenta como uma exterioridade absoluta, o que se verifica, por exemplo, na característica do Deus de Schreber se mostrar completamente ignorante sobre o que se passa com os vivos. A respeito desta exterioridade do Outro da linguagem trazemos o testemunho insuspeito de Schreber: "... tudo isso não saiu da minha cabeça, mas penetrou nela, falado de fora para dentro" (XV, [203]), e podemos compreender a afirmação de Lacan de que "o psicótico é habitado, possuído, pela linguagem" (1981, p. 284).

O Outro do psicótico, exterior, sem Lei ou regulações, invade seu corpo: as palavras do Outro, em sua materialidade, ferem seu corpo - não há barreiras entre

o sujeito e seu Outro. Não tendo sido tomado pelo significante da Lei, o Outro permanece "sem furo nem borda" (Souza, 1991, p. 72) e se mostra como "Outro insensato, egoísta e cruel" (*idem*, p. 60), diante de quem resta ao psicótico apresentar-se como objeto de gozo. Como já indicado, o Outro goza do psicótico como dejetivo ou como objeto. Contudo, não devemos supor que o gozo originário, ilimitado, por não ter sido barrado pelo significante da Lei, se presentificaria na psicose. Acompanhamos Souza em sua afirmação de que nada

"nos autoriza a esperar do psicótico - esquizofrênico ou paranóico - que ele venha exhibir um gozo assim. O gozo absoluto, não esqueçamos, é uma região mítica vetada a todo o ser cuja natureza é de palavra" (1991, p. 56).

Uma dimensão fundamental na clínica com psicóticos é a ocorrência de distúrbios de linguagem, dos mais diversos, também decorrentes da ausência da inscrição da Lei no Outro do significante. Assim, na falta de um ponto de basta, o psicótico apresentará uma fala em que os temas se misturam, confundem, sobrepõem, e cuja significação produzida será absolutamente particular, não compartilhável, posto não relacionada à significação fálica. A cadeia significante aparece quebrada, rota (cf. Lacan, 1959, p. 535); determinadas palavras adquirem um significado absolutamente novo, enquanto outras perdem totalmente o sentido, além de algumas poderem condensar sentidos inusitadamente extensos ou até, em algumas situações, toda a significação que o sujeito consegue produzir concentra-se em um único significante (cf. Lacan, 1981). As frases produzidas por psicóticos podem mostrar-se sem fim, como se o psicótico estivesse em busca de algum sentido sem nunca encontrar algo que pudesse deter o desenrolar da cadeia (por falta de um ponto de basta).

Será com este Outro desorganizado e desorganizador que o psicótico terá de lidar. Enquanto Freud (1911) tomava a constituição do delírio como uma tentativa de restaurar alguma relação com a realidade, Lacan (1981) apontará para o fato

de que será através da construção do delírio que o sujeito psicótico poderá encontrar algum lugar significativo no Outro, de modo que se produza uma barragem do gozo do Outro - não no sentido de sua exclusão, porém no sentido de que este se apresentará menos invasivo e destruidor. Este trabalho significativo de construção do delírio se termina com a constituição da metáfora delirante, "o significativo que, tal como o Nome-do-Pai, tem função de ponto-de-basta, induzindo efeitos de significação ...permitindo ao sujeito psicótico ter acesso à significação, não-fálica." (Quinet, 1990, p. 26). A significação que se produz pela metáfora delirante é uma significação não compartilhável, absolutamente particular para cada sujeito. A partir da metáfora delirante o gozo, antes completamente desregrado, passa a ser minimamente regulado, impedindo que "o psicótico venha a soçobrar vertiginosamente na posição de objeto de gozo do Outro" (Souza, 1991, p. 46). No trabalho de constituição da metáfora delirante percebe-se aquilo que Lacan refere como "empuxo à mulher", tendência de o psicótico constituir seu lugar significativo frente ao Outro numa posição feminina, seja no sentido de uma relação diferenciada frente ao gozo, posto que não-todo submetido à lei (cf, Lacan, 1975b), seja no sentido de que a Mulher é aquilo que falta aos homens e, deste modo, o psicótico busca se aproximar da mulher como aquilo que, por ser o que lhe falta, pode vir a completá-lo. Como afirma Lacan (1959) "por não poder ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens" (p. 566).

Desta forma, na psicose percebe-se uma forma particular de relação do sujeito com o Outro, decorrente da não operação da metáfora paterna. Devido à forclusão do significativo da castração do Outro, este se mostra como uma exterioridade que só pode gozar do sujeito. Em não sendo tomado para si o espaço de subjetivação, o sujeito mantém-se numa posição em que o Outro é quem goza, goza dele, psicótico. Num gozo sem Lei, restará ao psicótico tentar

barrá-lo, sendo o mecanismo proposto por Lacan, neste período de seu estudo, o da constituição da metáfora delirante, metáfora esta que terá também, como efeito, a produção de uma significação para o sujeito, a partir da constituição - ou melhor - da estabilização de seu lugar de objeto, significante, no campo do Outro.

## A PULSÃO NA PSICOSE

Defrontamo-nos agora com a tarefa de estudarmos as possíveis particularidades da pulsão na psicose. Uma primeira questão se coloca, referente à escolha do caminho a seguir, ou seja, à opção do método que seguiremos para viabilizar nosso intento. A primeira via com que nos deparamos é a de buscarmos articular os conhecimentos teóricos adquiridos sobre a pulsão com as formulações teóricas sobre a psicose - ambos necessariamente adquiridos a partir da experiência clínica. Neste rumo, retomariamos o que abordamos nos dois capítulos iniciais desta dissertação. Se a pulsão é o conceito em que se articulam os furos do sujeito e do Outro da linguagem, a partir do corpo, e a partir de cuja articulação se abre a possibilidade da instauração de uma subjetividade, já nos deparamos com uma dificuldade: se o Outro para o psicótico se apresenta exatamente como aquele que não tem furo, não se poderão articular, na pulsão, os furos do sujeito com o que falta ao Outro. Tal impossibilidade já poderia ser esperada desde que, no segundo capítulo desta dissertação, nos referimos ao quão problemática pode se apresentar a operação da separação - que se seguiria à de alienação - nos psicóticos. Da mesma forma, se nos reportarmos ao fato de que no circuito pulsional se contorna o objeto  $a$ , como se aplicar esta formulação na psicose, em que, por tropeços na operação de separação, o objeto  $a$  não se destaca da estrutura? Se, por outro lado, partirmos da formulação de que o alvo da pulsão é atingido pelo deslizamento da cadeia significante que, saindo da borda da pulsão, a ela vem retornar, nos deteríamos diante da afirmação de que, na psicose, as cadeias significantes se mostram fragmentadas e desarticuladas.

Podemos suspeitar de que, em se prosseguindo neste rumo, a cada tentativa concluiremos por nos depararmos com alguma barreira que se apresenta

irredutível: tendo o conceito de pulsão se formado eminentemente a partir de um esforço de teorização sobre elementos recolhidos na clínica das neuroses, sua aplicação ao campo da psicose aparentemente esbarra na existência de diferenças radicais que se revelam em relação às conceituações estabelecidas a partir da clínica das psicoses. Estaríamos produzindo impasses teóricos, diante dos quais uma solução fácil seria a afirmação de que o psicótico não tem pulsão - da qual não compartilhamos.

Talvez estes impasses decorram da impropriedade do encaminhamento metodológico proposto - de confrontação entre as teorizações sobre psicose com as que têm como objeto a pulsão. Como afirmado no segundo capítulo desta dissertação, as formulações sobre a psicose em que centramos nosso estudo, baseado nos desenvolvimentos apresentados por Lacan em seu escrito "De uma questão preliminar ..." (1959), padecem da característica de se apropriarem dos fenômenos presentes na psicose a partir de uma perspectiva que se funda na constatação de um "fracasso", ou seja, numa visada em que a psicose é tomada numa dimensão negativa, por aquilo que teria deixado de se realizar, em sua constituição, em se tomando como padrão o que se estabeleceu para o campo das neuroses. Se a psicose é concebida a partir do que falta à neurose, teremos grande possibilidade de reencontrarmos, sucessivamente, a impropriedade da utilização de cada um dos conceitos que se constituíram, original e prioritariamente a partir da clínica das neuroses. Assim, poderíamos ser levados a concluir que o psicótico não tem inconsciente, não tem o registro do simbólico, não faz transferência, não é sujeito... Certamente todas estas assertivas já foram feitas e se sustentam, ainda que talvez apenas dentro da perspectiva que apontamos acima, em que se toma a psicose como decorrente de um acidente de percurso num caminho que regularmente levaria à neurose. Podemos, contudo, afirmá-las incorrerem em petição de princípio, para tomarmos uma expressão

utilizada por Freud em seu artigo sobre o narcisismo (1914), no debate com Jung, em que tenta manter a validade da aplicação do pressuposto da existência de um dualismo pulsional - irrecusável nas neuroses - também no campo das psicoses. A nosso ver, todas aquelas alternativas de encaminhamento apontadas acima pecam, inicialmente, por tomarem o que é da ordem da *diferença* pelo que seria da ordem da *falta*.

O tipo de procedimento em que se efetua uma confrontação acrítica de concepções teóricas sobre as pulsões com as referidas à psicose levou, por exemplo, à construção do texto "Im-pulsão nas psicoses" (Carceller, 1988) que, como o próprio título indica, nega a existência da pulsão nos psicóticos, propondo a substituição do termo pulsão pelo de im-pulsão (não podemos deixar de assinalar o fato de que o *im* - apresenta a mesma sonoridade do prefixo *in*, é utilizando com o sentido de negação e privação (cf. Ferreira, 1986, p. 927).

Outro aspecto metodológico a que devemos estar atentos refere-se diretamente ao modo particular de produção do saber psicanalítico. Freud, na parte inicial de seu texto sobre as pulsões (1915a), deixa claro que, na psicanálise, a construção da teoria está diretamente vinculada e referida a uma permanente confrontação com os dados aportados pela clínica. Freud indica que o início da constituição do saber psicanalítico se dá com a descrição dos dados recolhidos na clínica, apontando para o fato de nesta descrição se fazer necessário recurso a "idéias provenientes daqui e dali" (p. 137). Estas idéias, que de início se caracterizam por apresentarem "necessariamente certo grau de indefinição" (*idem*) e, que num estágio inicial são da ordem de convenções, podem ser elaboradas e refinadas - na inter-relação com a experiência clínica - de modo a virem a configurar os conceitos básicos, mais estáveis e bem delimitados. Esta estabilidade se materializa na formação de definições que, ainda assim, estarão permanentemente sujeitas à possibilidade de aperfeiçoamentos: "o avanço

do conhecimento ... não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições" (*ibidem*). Desta forma, as convenções e conceitos encontram sua validade e sustentação a partir da possibilidade que introduzam de estabelecer relações de sentido entre os elementos recolhidos na clínica - verdadeiro campo de provas da teoria psicanalítica. Freud, portanto, impõe às teorizações psicanalíticas a exigência de que a teoria seja permanentemente confrontada com os dados trazidos pela experiência clínica. Nesta confrontação se poderão promover reformulações e, à sua ausência, tenderia aquela produção teórica a se deslocar do campo psicanalítico para o da filosofia (cf. a oposição marcada por Freud do saber psicanalítico em relação a uma "teoria especulativa" [1914, p. 96]).

Desta forma, a proposição de uma abordagem que se restringisse, em nosso estudo, à confrontação entre articulações teóricas que tenham como objeto a pulsão e a psicose mostra-se imprópria aos nossos objetivos. Por um lado - por se confrontar um conceito (pulsão) referido a um campo tomado como positividade (da neurose), exatamente ao campo (a psicose) que se revela como negativo em referência a este - tenderíamos a concluir pela impossibilidade da utilização do conceito de pulsão no campo da psicose. Por outro, pelo fato de nos restringirmos à confrontação apenas de conceitos, sem uma ancoragem na experiência clínica, encaminharíamos nossa produção ao domínio das filosofias.

Partiremos, portanto, da premissa de que o psicótico apresenta o registro pulsional. Baseamo-nos, para esta afirmação, em dois argumentos fortes: primeiro, de que parece inegável que o psicótico não funciona no registro do instinto, registro que se poderia opor, na teoria, ao pulsional. Outro argumento é o de que as teorizações freudiana e lacaniana sobre as psicoses implicam necessariamente o conceito de pulsão, seja por eles jamais terem colocado em questão a presença do *Trieb* na psicose, seja pelo fato de, em se tratando de

produções psicanalíticas, pressupõem, o conceito de pulsão, um dos conceitos fundamentais da psicanálise.<sup>39</sup> Além disso, e para nos restringirmos a Freud, noções como libido homossexual (cf. Freud, 1911), auto-erotismo (*idem*) e narcisismo (cf. Freud, 1914), todas elas utilizadas em referência à psicose, evidenciam a pertinência da utilização do conceito de pulsão nas elaborações teóricas sobre a psicose.

Faz-se, portanto, necessário encontrarmos outra forma de abordarmos nosso tema, de tal modo que possamos confrontar os elementos da teoria com os dados trazidos pela clínica. Em se tratando de psicóticos, como já explicitado pelo próprio Freud (1911), pode-se considerar que um texto, produto da escrita de um psicótico, tem o mesmo valor clínico que tem o material que surge numa análise, ou seja, sob efeitos de transferência.

André (1986) toma como material para estudar a pulsão na esquizofrenia a produção publicada de um esquizofrênico, Wolfson (1970 e 1984). Apontando para o fato de que na esquizofrenia se verifica uma "regressão tópica ao estágio do auto-erotismo" (1986, p. 103), André aborda o auto-erotismo como um momento lógico em que se constitui uma "metáfora fundamental" (p. 104), na qual se promovem três substituições: uma tensão proveniente do exterior substitui uma tensão que se originaria do interior (da necessidade); o gesto do próprio sujeito que, com a superfície de seu corpo, promove o contorno do objeto perdido, substituindo a ação do Outro que aportaria o objeto da necessidade, além da busca de um gozo, "cuja causa é uma falta" (*idem*) substituir a procura da satisfação da necessidade. Na esquizofrenia tal metáfora não se realizaria e, deste

---

<sup>39</sup> Como Freud indica em sua introdução ao artigo sobre as pulsões (1915), a apreensão da experiência clínica se dá a partir de idéias, elementos da teoria, que organizam o campo da experiência e, certamente, a pulsão é uma destas referências teóricas.

modo, o esquizofrênico tem seu corpo entregue ao "hetero-erotismo, ou seja, ao erotismo do Outro" (*ibidem*).

Partindo da premissa de que não se deu a operação de separação, e confrontando-a com os relatos de Wolfson (1970), André (1986) conclui que o processo de formação de uma borda - "qualquer coisa que faz corte" (p. 105) e em que se pode amarrar o movimento pulsional - não se realizou e, deste modo, o esquizofrênico se encontra impulsionado a realizar um trabalho permanente em busca de constituir estas bordas. Trabalho ingrato, por razões de estrutura, que inicialmente se operacionaliza através de tentativas de saturação, por enchimento, destes espaços abertos dos orifícios corporais (como o movimento de encher a boca de alimentos de tal modo que a boca não se possa fechar - cf. André, *op. cit.* p. 106). Qualquer que seja a zona erógena,<sup>40</sup> Wolfson não consegue fechá-la, de modo que as zonas erógenas se apresentam como regiões em que o Outro o invade e as "manipulações auto-eróticas" (p. 108) - em que Wolfson se constitui como verdadeiro "órgão de gozo do Outro" (p. 107) - não conseguem estabelecer uma fronteira entre o sujeito e o Outro. O trabalho de produção de algum limite a este Outro gozador se realizará finalmente com a instauração da metáfora delirante. Nesta, o trabalho de limpeza que era promovido pela mãe de Wolfson e a que se via irremediavelmente submetido como uma forma de expressão do gozo ilimitado de sua mãe, será elevado a um estatuto em que se aproxima de uma lei. Em sua metáfora delirante, Wolfson afirma que *toda a terra* deve ser submetida à lavagem, pelo fato de ser a terra uma "fábrica de cadáveres" (Wolfson *apud* André, *op. cit.*, p. 110). André aponta estes elementos da metáfora delirante como indicação de uma prevalência da pulsão de morte, ocupando "o terreno que a pulsão sexual não pôde colonizar" (p. 110). Com a instauração da metáfora

---

<sup>40</sup>Esta é a expressão utilizada por André, neste ponto de seu texto, para se referir aos orifícios corporais (cf. p. 108).

delirante, aquilo que se apresentava como manifestação da possibilidade ilimitada de acesso do gozo do Outro ao corpo do sujeito passa a representar exatamente seu contrário: não mais o corpo de Wolfson, mas o próprio planeta Terra é, assim, convocado a "se tornar literalmente deserto de gozo" (p. 110).

Percebemos, neste trabalho de André, que a confrontação dos elementos da teoria psicanalítica com os dados trazidos pela clínica, a partir de um texto produzido por um esquizofrênico, aponta para a possibilidade de se pensar a questão das particularidades da pulsão no campo das psicoses. Nesta perspectiva, optamos por tomar como objeto o texto das memórias do presidente Schreber (1903), numa leitura em que buscamos localizar referências que poderíamos tomar como claramente indicadoras de material para estudarmos a pulsão.

Ao efetuarmos esta leitura, tomaremos aqueles trechos em que se façam referências explícitas aos orifícios corporais. É a partir destes orifícios que se teriam destacado as pulsões na busca de repetir uma satisfação prévia, ou seja, é nestes pontos que se pode associar uma dimensão de satisfação aportada pelo Outro e que se revelará comum tanto ao sujeito como ao Outro. Lembremos que é a partir destes orifícios que se instauram, no corpo, os modos de relação do sujeito com o seu Outro da linguagem (cf. Freud, 1917b). Aqueles trechos em que os orifícios corporais são tomados em referência a fenômenos alucinatorios não foram priorizados, na medida em que nestes fenômenos associam-se diversas outras dimensões e variáveis - como os relacionados estritamente à ausência de um ponto de basta, como demonstrado por Lacan no exemplo citado em seu escrito sobre a psicose (cf. Lacan, 1966). A imbricação com estes outros fatores poderia, num primeiro momento, obscurecer a tentativa de análise a que estamos nos propondo.

Um primeiro aspecto que nos chama a atenção se relaciona ao episódio, citado no capítulo II desta dissertação, em que, ao mínimo movimento de retirada de Deus, com seus raios, acontece o milagre do urro: um grito é arrancado do peito de Schreber e, em seguida, sua boca mantém uma abertura tal que qualquer pessoa que assista a esta cena não pode deixar de ficar impressionada (cf. Schreber, XV, [205]) Este episódio, em que Schreber se torna dejetivo, Lacan (1959) o descreve como aquele em que se vê "sua boca subitamente hiante sobre o indizível vazio" (p. 560). A partir destes relatos, percebemos que o afastamento do Outro tem, como efeito, que a borda que separa o sujeito do Outro permanece completamente aberta, totalmente permeável a qualquer invasão de gozo do Outro, na medida em que o sujeito, Schreber, se revela totalmente incapaz de esboçar qualquer movimento que pudesse resultar no fechamento deste vaso comunicante. Neste tempo, podemos dizer que não se realiza a função de borda apontada por André (1986), ou seja, aquilo que marca um corte. Talvez possamos aproximar a situação descrita por Schreber, em que parece se perder qualquer vínculo com o Outro (que não o de estar submetido a seu gozo, porém não como seu objeto) do que acontece quando do desencadeamento da crise psicótica, em que ao psicótico fica patente sua falta de lugar no Outro, sua posição de dejetivo frente a este Outro que, desta forma, o invade sem qualquer mediação possível.

Ao procedermos à leitura do relato do presidente Schreber, percebemos, contudo, que mesmo nos orifícios pulsionais podem se dar outras formas de manifestação da relação do psicótico com seu Outro. Schreber nos conta:

"... quem quiser se dar ao trabalho de prestar atenção poderá reparar que minhas pálpebras, mesmo durante a conversação com outras pessoas, subitamente se fecham ou caem, o que em condições naturais não costuma acontecer com ninguém ... Para abrir os olhos ... é sempre necessária uma certa tensão da minha força de vontade" (1903, p. 160 - XI, [157])

Neste episódio, verificamos que o movimento de fechamento da borda pulsional é provocado diretamente por Deus. Desta forma, o Outro age diretamente na zona erógena, numa ação direta sobre o corpo e seus orifícios, em que este corpo é tomado por objeto de gozo, certamente, mas em que, não podemos deixar de assinalar, se efetiva um *fechamento da borda do corpo*. Referimo-nos a fechamento no sentido de que esta borda não se encontra aberta para o indizível vazio pois o Outro promove algum contorno desta borda.

Passemos a outros trechos do relato das memórias do presidente Schreber. Em outro momento, Schreber nos conta das dificuldades por que passava para proceder à sua alimentação: "enquanto eu comia *permanentemente* se faziam milagres *em torno da minha boca*" (XIV [196] - grifos nossos) e mais: "freqüentemente me eram infligidos, durante as refeições, milagres que me faziam morder a língua" (*idem*) ou, ainda, que se "via forçado, durante as refeições, a tocar piano ou a ler, uma vez que era sempre necessário ... a prova da integridade das minhas energias intelectuais" (XIV, [197]). Caso não desse estas provas, Deus dele se afastaria. Aparentemente, o ato de se alimentar, para Schreber, não pode ser dissociado da interferência do Outro nas bordas de sua boca: o ato de se alimentar indicava uma ação direta do Outro, numa ação em que, dado o caráter de fechamento, chegava mesmo a morder a língua. Por outro lado, sabemos que se deixasse que Deus o tomasse como um idiota (sem a integridade de suas energias intelectuais), o resultado seria o afastamento do Outro que resultaria no movimento irrefreável de abertura da mesma boca. Nesta situação, de boca aberta, fica vedada ao sujeito toda qualquer possibilidade de manter alguma separação ou delimitação entre o dentro e o fora. Temos indicação, portanto, de que a aproximação de Deus provocando literalmente o fechamento de sua boca pode ser tomada como situação oposta à que se manifesta com a abertura da boca no milagre do urro, no sentido de que a

aproximação de Deus leva à possibilidade de algum tipo de regulação das circulações pelo orifício pulsional - ainda que *explicitamente* realizada pelo Outro.

Num trecho também citado por Freud (1911, p. 42), Schreber afirma: "como tudo o mais no meu corpo, também a necessidade de evacuação é provocada por milagre" (XVI [225]). Num outro trecho, Schreber afirmará, de modo mais claro, a necessidade da participação do Outro para proceder à evacuação: esta só poderá se dar com a aproximação dos raios; em seu afastamento, o milagre tende a impedir que realize seu ato: "*por mais incrível que isto soe ... por meio do tocar piano eu forço uma reaproximação dos raios, que procuraram se retirar de mim e venço a resistência que foi oposta ao meu esforço para conseguir evacuar*" (IV, *in* Suplementos [p. 315] - grifo nosso).<sup>41</sup> Esta necessidade da aproximação de Deus se atualiza "quando chega o momento de dormir, evacuar, etc." (*idem*). Schreber parece antecipar a surpresa que pode provocar a indicação da necessidade de participação do Outro para a consecução de atividades que normalmente parecem ser efetivadas independente da participação de qualquer outro elemento que não o próprio sujeito que a realiza.

Cremos que, diante destes exemplos, podemos perceber alguns aspectos referidos ao registro pulsional em Schreber. Podemos apontar dois tipos de manifestação da relação do Outro com seus orifícios corporais. O primeiramente apresentado refere-se às situações em que se dá o afastamento do Outro. Nestas ocasiões, não se verifica qualquer possibilidade de mediação: sua boca se abre para um "indizível vazio" (Lacan, 1959, p. 560); o afastamento dos raios tem

---

<sup>41</sup>Lacan, em nota de rodapé ao final de seu escrito "De uma questão preliminar..." (1959), aponta que Schreber encontra seu "ser mesmo" entre os dejetos e afirma de Schreber, no ato da evacuação, "sentir aí se reunirem os elementos de seu ser cuja dispersão no infinito de seu delírio constitui seu sofrimento" (p. 583n). Aproximação evidente com o que virá a se constituir, em sua teoria, como o objeto *a*.

também como conseqüência a instauração de uma impossibilidade de Schreber comer ou evacuar: mais além de sua vontade, este afastamento impede qualquer realização ou controle por sobre os virtuais fluxos que se podem dar através dos orifícios corporais. Estas configurações podem ser aproximadas do que André (1986) aponta como presente na clínica com os esquizofrênicos: uma absoluta permeabilidade dos orifícios corporais à invasão do Outro. Nestas situações, não há qualquer possibilidade para o sujeito, exceto a de tentar provocar a reaproximação dos raios divinos, a partir do que se poderão realizar trocas com o Outro.

Num outro grupo de manifestações - em que se alimenta, evacua ou fecha os olhos - a participação do Outro é evidente e necessária. Se com o afastamento do Outro o sujeito se vê irremediavelmente paralisado, em sua presença o que se verifica é a possibilidade de se realizar uma necessária conjugação da vontade/necessidade de Schreber com a indispensável participação e interferência do Outro. Em querendo evacuar, tem de aproximar os raios divinos; se pretende se alimentar, ou mesmo continuar realizando uma atividade de alimentação já em curso, é indispensável que realize, concomitantes, atividades que visem a manter o Outro próximo. Schreber nos dá, nestas situações, indicações claras de onde se dá esta interferência do Outro: para se alimentar, os milagres se realizavam em torno de sua boca; à evacuação, na falta de fezes, "se lambuza o orifício do meu traseiro com os poucos resíduos do conteúdo intestinal" (XVI, [226]). É exatamente *em torno dos orifícios corporais*, ou seja, nas regiões que circundam as zonas erógenas, *em suas bordas* enfim, que se localiza a ação do Outro.

Tentemos apresentar uma organização do material recolhido: propomos, para isso, concebermos a possibilidade de separação de dois pólos em que se podem situar a relação dos orifícios corporais com o Outro da linguagem. No primeiro, os orifícios se apresentam desarticulados da cadeia significante e, por

isso, se apresentam como verdadeiros buracos. No outro pólo, se verifica uma articulação do Outro do significante nas bordas destes orifícios, de tal modo que nesta articulação se verifica um fechamento daquilo que pode ser um buraco aberto ao Outro. A separá-los, a introdução da possibilidade de articulação dos significantes do Outro em torno dos orifícios corporais, no que parece constituí-los como bordas.

Retornamos, assim, ao que apresentávamos no primeiro capítulo desta dissertação em relação ao fechamento do circuito pulsional: são os significantes do Outro, também na psicose, os que podem realizar o fechamento da borda pulsional. Na neurose, a partir da operação da metáfora paterna, o sujeito se apropria, por sob a barra da repressão, do campo do Outro que passa a se constituir como o inconsciente. Deste modo, se afirmávamos no primeiro capítulo que através da atividade pulsional abre-se a possibilidade da emergência de um sujeito, num verdadeiro *se fazer* sujeito, devemos agora acrescentar que tal possibilidade implica necessariamente o mecanismo de repressão. Na psicose, a repressão não se dá: com a forclusão do Nome-do-Pai, o Outro da linguagem mantém-se como uma exterioridade. Em conseqüência, não deixará, na atividade pulsional, de se produzir um sujeito. Contudo, o psicótico não se identifica neste sujeito que, por isso, se constitui como exterior, no lugar do Outro, como aquele que goza do psicótico.

Concomitante às manifestações de exterioridade do Outro, podemos ainda, partindo das observações apresentadas neste capítulo, supor que a ligação do Outro com o corpo do sujeito não se sustenta sempre pela via do significante, mas, principalmente nos esquizofrênicos, apenas através do gozo, do gozo do Outro. Este Outro, que já se teria revelado distante quando da instauração da crise psicótica, pode a qualquer momento se desligar do corpo novamente. Será

através do delírio, constelação significativa, que o Outro, significativa, poderá, então, se articular ao corpo do psicótico.

Retomemos a proposta de separação, por oposição, de dois pólos de articulação do corpo com o Outro. Talvez possamos, em acompanhando as descrições feitas acima baseadas nos textos de Schreber e de Wolfson (cf. André, 1986), propor uma separação dos campos da esquizofrenia e da paranóia. Naquela, como indicado por André (*idem*), as zonas erógenas permanecem como buracos abertos e destampados. Na paranóia, com o recurso da construção do delírio, alguma forma de ancoragem do Outro ao corpo é certamente mais acessível. Refinemos um pouco mais a distinção, a partir dos relatos apresentados: enquanto que na esquizofrenia o recurso ao delírio, em que se pode passar a alguma forma de fechamento dos orifícios pulsionais, se apresenta tardiamente e com uma certa tendência de, em se estabelecendo, se dar de forma estável, na paranóia verifica-se, através dos delírios parciais, a possibilidade de o sujeito ir promovendo fechamentos parciais e provisórios. O esquizofrênico, portanto, tenderia a se encontrar no pólo da desarticulação da cadeia significativa em relação ao corpo, enquanto que, no parnóico, se perceberia a possibilidade de circulação entre os dois extremos.

Ainda com referência aos pólos propostos, gostaríamos de referi-los ao que seria um momento mítico de instalação do pulsional, como se os extremos revelados pelos psicóticos pudessem ser comparados a momentos lógicos anterior e posterior à instalação do pulsional. Dentro desta perspectiva, poderíamos afirmar que o psicótico se defronta repetidamente, com uma repetição da experiência do encontro com o Outro do significativo. Na medida em que esta experiência não é subjetivada (cf. Freud, 1950b, p. 308) é como se o psicótico com ela se defrontasse sucessivamente, sem dela poder se defender, até que consiga introduzir uma mediação, uma ancoragem significativa, que tenderia a se

estabilizar com a constituição de uma metáfora delirante. Esta é uma leitura em que nos aproximamos do apresentado por Freud em "Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa" (1896) em que, diante do fracasso da defesa, retornavam, inalteradas, as impressões da experiência traumática. Nesta perspectiva, de que o psicótico atualiza sem mediações a experiência de satisfação, é interessante retomarmos uma característica inusitada da descrição de Schreber: em determinadas situações em que teria de realizar atividades como comer ou evacuar, é necessário, para sua realização, que consiga atrair os raios de Deus. Podemos pensá-la como uma referência a uma associação entre algo que é prévio ao encontro com o Outro, ao que viria se agenciar a dimensão da satisfação do Outro. Não podemos deixar de nos remetermos, neste momento, à teoria do apoio (cf. Laplanche, 1985, p. 23) - de que nos aproximamos neste momento - que afirma a pulsão se instaurar apoiando-se na satisfação da necessidade (uma visão diferente da que apresentávamos no primeiro capítulo desta dissertação).

Podemos assim afirmar que o registro pulsional se presentifica nos sujeitos psicóticos com as particularidades decorrentes do modo de relação do sujeito com seu Outro. A partir da forclusão, diversas propriedades da pulsão - que no neurótico se vêm reprimidas - aparecem a céu aberto na clínica com os psicóticos. Além disso, na psicose se verifica que a articulação representada pela pulsão entre o corpo e o Outro se revela menos estável do que o apreendido na clínica das neuroses. Para o psicótico, a tentativa de alcançar alguma estabilidade se faz através de um trabalho árduo e permanente em que, submisso ao Outro, procura instaurar mediações e amarrações de sua relação com este Outro que dele goza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Remontamos o surgimento de nossa questão há alguns anos, numa discussão clínica em espaço manicomial, na qual a equipe de técnicos abordava aspectos relativos à vida sexual dos clientes internados. Ousou-se suspeitar da possibilidade de existência de particularidades de apresentação do campo da sexualidade junto àqueles sujeitos quando, incontinenti, levantou-se uma voz: "É a mesma coisa, afinal é da ordem da pulsão!". Diante deste argumento, calamos todos e prosseguimos por outros assuntos. Ficara, contudo, uma inquietação: será a pulsão necessariamente idêntica a si própria para todos os sujeitos com que nos deparamos?

Podemos, de início, apontar a existência de uma visada naturalista ou no mínimo naturalizante a nortear aquela afirmação: a pulsão existe e apresenta-se idêntica para todos os sujeitos; teria, assim, uma essência própria que se reparte igualmente entre todos. Gostaríamos, neste ponto, de lembrar que na Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, o termo alemão *Trieb* foi traduzido por instinto - termo de forte incidência biologizante. Ainda que atualmente esta tradução possa ser considerada ultrapassada - posto ao lermos instinto imediatamente convertemo-lo em pulsão - é provável que o viés naturalizante que aporta não tenha ficado para trás.

Por outro lado, o fato de utilizarmos a mesma palavra, pulsão, nas mais diversas situações, pode, ainda, favorecer a leitura naturalizante e essencialista que vimos apresentando: é como se ao mesmo significante coubesse um referente único. Além disso, a aproximação do registro pulsional com o campo das necessidades, e sua proximidade com a vida cotidiana, tendem a naturalizar a apreensão do termo pulsão: ora, o comer ou o olhar são atividades realizadas por

todos e que, compartilháveis, não necessariamente se diferenciam entre si em nosso cotidiano.

Devemos reafirmar que, a despeito destas facilitações, o conceito de pulsão é um elemento de um universo conceitual próprio, o psicanalítico, e que, portanto, só encontra sentido no interior deste discurso: não há qualquer relação necessária entre o conceito e qualquer elemento existente numa realidade exterior a este campo conceitual: a busca de um elemento como referente para o conceito parece-nos inapropriada. Além disso, por mais que falemos em pulsão oral, por exemplo, parece-nos claro que esta é uma referência que não se deve imediatamente aproximar do fato ou ato de se alimentar. Ainda que em algumas situações a pulsão oral se manifeste, no dispositivo analítico, a partir do discurso do sujeito, através da alimentação, não estamos autorizados a equivalermos necessária e imediatamente as possíveis semelhanças observáveis entre as diferentes formas de alimentar-se - aqui tomado como exemplo - e qualquer universalidade e identidade no registro do pulsional. O conceito de pulsão só encontra sua validade no discurso analítico, articulado aos demais elementos deste discurso; não remete a qualquer realidade exterior mas sempre ao recorte produzido a partir da instauração do dispositivo analítico.

Não nos filiamos, portanto, a esta perspectiva naturalizante que talvez possamos classificar ingênua, na medida em que parece, ainda, ignorar um aspecto fundamental do registro pulsional: seu caráter de representação. A dimensão de representação do corpo na mente ou, dito de outro modo, a articulação promovida entre diversos elementos, como corpo e significante, parece-nos essencial no conceito de pulsão; surge, inclusive, como um dos elementos utilizados por Freud para definir este conceito no artigo metapsicológico "Os instintos e suas vicissitudes". Quando nada, devemos nos recordar de que Freud nos indica que da pulsão só temos acesso àquilo que chega

ao aparelho psíquico como representação; Lacan segue a mesma senda. Ora, se a pulsão está diretamente referida ao campo das representações - que aproximamos do registro do simbólico, ainda que seja apenas naquilo que apresente de cognoscível - pode-se esperar, minimamente, que a presentificação do registro pulsional se dê de um modo diferenciado no campo das psicoses, por exemplo, em que o registro do simbólico não se regula por uma Lei, como acontece nas neuroses.

Partimos, então, ao estudo das pulsões em Freud e em Lacan. Fomos percebendo que intimamente ligada à pulsão sexual - a mais facilmente estudada pela psicanálise, segundo Freud - encontra-se a concepção de uma satisfação que se tentaria repetir. A satisfação sexual - introduzida pelo Outro na busca de satisfazer uma necessidade - como que condensaria, em sua consecução, um apaziguamento da necessidade e do Outro: é, assim, tomada como satisfação do sujeito que dela se apropriaria. A busca de satisfação sexual se configura como a busca de uma satisfação perdida, mítica - pois anterior à instauração da ordem sexual - e a que corresponde um objeto perdido.

Lacan trabalhará esta satisfação da pulsão sexual como se dando exatamente através do deslizamento da cadeia significante do Outro, a partir da superposição deste Outro, em seus intervalos, aos orifícios corporais. Se compreendermos a pulsão como um corte que se produz pelo significante, verificaremos que o movimento pulsional pode ser compreendido como uma forma de fechamento do orifício, através do retorno da cadeia significante à borda pulsional de onde partira.

Neste movimento, deslizar da cadeia significante, tem-se como efeito a abertura da possibilidade de produção de um sujeito. Diante de uma submissão ao Outro do significante, a seus caprichos, através do intervalo instaurado com a

marcação pulsional e, ainda, da tentativa de seu fechamento através do circuito significante, abre-se a possibilidade de apropriação, ou até mesmo da fundação, por um sujeito a advir, da atividade representada pela pulsão.

Foi se configurando, enfim, um quadro em que, partindo da articulação da cadeia significante com o que virá a se constituir como corpo - da ação do Outro sobre a carne - articulação que se dá pela sobreposição das hiências do corpo e da cadeia, ou seja, de uma relação entre o que falta ao Outro e os orifícios do corpo, instaura-se, nesta região de borda, um corte, uma tensão. Permanente, proveniente do Outro e compreendida como energia potencial, a tensão manterá em movimento a cadeia significante. Esta movimentação, incessante deslizar da cadeia, pode-se dizê-la de efeitos paradoxais posto, ainda que não tendo o efeito de reduzir o nível de tensão da zona erógena, apresentar-se como forma de satisfação. Se associarmos o fato do deslizar da cadeia significante com a manutenção de um nível tensional constante, talvez possamos supor que a ancoragem da rede significante nos orifícios corporais tenha como efeito a instauração de uma certa estabilidade energética: a satisfação do Outro e a de uma eventual necessidade orgânica regulam-se, sem grandes oscilações, pelo deslizar da cadeia.

Neste circuito significante é circundado um vazio que se oferece como o lugar do objeto e que, desde Freud, é inicialmente preenchido pelo próprio corpo do sujeito. O deslizar significante apresenta-se como a forma de se tentar costurar as bordas de um buraco, instaurado pelo Outro, que não pára de não se fechar. Este buraco permite que, em contornando a perspectiva de uma submissão absoluta ao Outro, constitua-se a atividade pulsional, produtora de uma subjetividade que, enfim, se apropria da condição prévia de assujeitamento ao Outro. A partir da instauração do pulsional, referida à castração do Outro,

introduz-se uma subjetividade que se ancora no corpo e busca acesso à representação no universo significante constituído pelo Outro.

Partimos, em seguida, para estudar a apreensão das psicoses na teoria psicanalítica nas obras de Freud e de Lacan - sendo que, nesta, restringimos nosso estudo ao período em que se enfatiza a dimensão do registro simbólico. Devemos lembrar que a concepção e delimitação dos campos de neurose e psicose são produto da teorização freudiana, onde a abordagem das psicoses está referida, alternadamente,

- a um fracasso do mecanismo de defesa;

- ao fato da ocorrência do conflito psíquico se dar entre o ego e o mundo externo, que podemos relacionar a um modo diferenciado de implicação do sujeito diante de experiências traumáticas: por não se apropriar destas experiências, estas se localizam no espaço exterior;

- a uma relação permanente com a sexualidade, em que haveria pontos precoces de fixação libidinal (no auto-erotismo e narcisismo) e a outros fenômenos.

Na obra lacaniana, no período estudado, é evidente uma abordagem a partir do negativo: nas psicoses não se daria a operação da metáfora paterna, de modo que os fenômenos clínicos observáveis são decorrentes da ausência da instauração da Lei. Como conseqüência, teríamos, por exemplo, uma desorganização da cadeia significante, uma não separação efetiva do sujeito em relação ao Outro, apresentando-se este como exterior e tomando-o como seu objeto; teríamos, ainda, a constituição deste Outro como que completo, a quem nada faltaria, em decorrência da não inscrição do significante da Lei, o significante Nome-do-Pai. O trabalho da psicose seria exatamente o de tentar

construir elementos que possam barrar, de algum modo regular, este Outro invasivo e sem freios, buscando, assim, criar algum lugar para o sujeito no campo do Outro.

Realizada a pesquisa sobre a pulsão e a psicose, restar-nos-ia a articulação entre estes dois elementos à cata das especificidades do registro pulsional no campo das psicoses. Deparamo-nos, contudo, com um problema: se partíamos da recusa de uma visão essencialista, em que se atribuía, a nosso ver, uma naturalidade teoricamente insustentável à universalidade das pulsões, passávamos, então, a nos confrontar com uma outra perspectiva essencialista: a pulsão só poderia ser encontrada no campo das neuroses.

Se na pulsão se contorna uma falta, em que o sujeito se constitui enquanto objeto para o Outro, também faltoso, através de um deslizar da cadeia significante, como pensarmos este funcionamento na psicose? Ao Outro do psicótico a falta não é evidente; a separação do sujeito em relação ao Outro se faz de modo problemático; o sujeito não se apropria da experiência traumática... Como dizíamos, retornamos a uma perspectiva essencialista: existiria uma conformação específica a que se pode denominar pulsão, encontrável no campo das neuroses e que não se poderia verificar nas psicoses.

Esta saída não nos parecia satisfatória: além de pecar pelos mesmos defeitos daquela que criticávamos inicialmente, como apontado acima, ignora o fato de que Freud, em todo o percurso de sua teorização sobre as psicoses, aí sempre ter feito referências a mecanismos pulsionais o que, de resto, não nos deve surpreender pois, sendo um dos conceitos fundamentais do corpo teórico da psicanálise é, certamente, também através dele que a teoria psicanalítica promove o recorte de seu objeto. Procedemos, então, a uma revisão da metodologia de que nos vínhamos utilizando. Primeiramente, atentamos para o fato de que a visada

que vínhamos dirigindo à psicose centra-se, como afirmamos anteriormente, numa apreensão a partir do que falta, do que fracassa, num percurso que normalmente conduziria a uma neurose. Se confrontamos um conceito referido, em sua constituição, prioritariamente ao campo das neuroses - o conceito de pulsão - com um campo que se define inicialmente pelo que lhe falta em relação ao das neuroses, não devemos nos surpreender com a constatação da impropriedade de nos referirmos a pulsões na psicose. Estaríamos persistindo no caminho de abordar o que é da ordem da *diferença* como da ordem da *falta*. Estes que se apresentam, a nosso ver, como equívocos, são facilitados, ainda, pelo fato de nos mantermos apenas referidos a teorizações, ignorando uma dimensão clínica em que poderíamos encontrar alguns balizamentos para nossas reflexões.

Sustentados na afirmação de Freud de que o escrito de um paranóico tem valor clínico idêntico a material recolhido sob análise, optamos por reler o texto do Presidente Schreber centrando nossa atenção nas passagens em que são feitas referências explícitas aos orifícios pulsionais. Pareceu-nos interessante dividir o material recolhido em dois grupos: em um deles, as situações descritas indicavam que a cadeia significativa apresentava-se descolada em relação ao corpo e seus orifícios. Nestas situações, Schreber encontra-se sem qualquer possibilidade de controle sobre o que lhe acontece: não consegue, por exemplo, realizar as atividades que envolveriam os orifícios pulsionais, nem mesmo mantê-los fechados (como acontece com sua boca, por exemplo); resta-lhe a possibilidade de, com esforço, tentar atrair seu Outro para si. No outro grupo, recolhemos as manifestações em que se percebe uma ligação da cadeia em torno dos orifícios pulsionais. Neste contexto, o controle da atividade e dos fluxos através dos orifícios é atribuído ao Outro: de todo modo, alguma regulação se verifica. Como

afirmamos, esta ligação da cadeia se dá explicitamente ao redor do orifício pulsional, em sua borda.

Propusemos, então, a distinção de dois pólos no que se refere às possibilidades de ligação da cadeia significativa aos orifícios corporais nos psicóticos: num primeiro haveria completa disjunção enquanto que no segundo poderíamos indicar alguma ligação da cadeia ao corpo, tendo como efeito alguma estabilização e regulação dos fluxos que atravessam os orifícios corporais, bordas que, daí, servem para, a seu modo, estabelecer uma fronteira mínima entre o sujeito e o Outro. Sugerimos que talvez possamos aproximar o que apresentamos como primeiro pólo - no qual se verifica uma disjunção da cadeia significativa em relação aos orifícios corporais - ao que nos apresenta André como o que acontece na esquizofrenia ou, ainda, quando da irrupção da psicose em geral. O segundo pólo, de alguma ligação, ainda que frouxa, da cadeia aos orifícios, aproxima-lo-íamos do que se apresenta na paranóia. De todo modo, percebemos que, também na paranóia, não se revela uma ligação estável; talvez se possa adquirir alguma estabilidade mínima com o estabelecimento de uma metáfora delirante.

Podemos, portanto, sugerir a presença das pulsões nos pacientes psicóticos. Enquanto que nas neuroses o fechamento das bordas pulsionais se dá através da cadeia significativa, o mesmo pode ser atribuído às psicoses. O sujeito que se produz com o fechamento do circuito pulsional na neurose, pode-se percebê-lo como uma exterioridade na psicose; enquanto que na neurose o sujeito se apropria da inelutável condição de objeto frente ao Outro, remetendo-a por sob a barra da repressão, na psicose esta condição aparece a céu aberto...

Encaminhamo-nos, a nosso ver, no sentido de evidenciarmos que aquilo que era tomado como característico da pulsão em geral deve ser tomado como indissociável das especificidades clínicas da estrutura neurótica, a partir de cuja

clínica desenvolveu-se prioritariamente o conceito de pulsão. Assim, se tomávamos como característica a assunção pelo sujeito de uma condição de objeto frente ao Outro, de uma subjetivação desta condição como a marca da atividade pulsional, talvez possamos relativizar estas afirmações: na psicose, por exemplo, o fechamento do circuito pulsional também pode levar à constituição de alguma subjetividade: esta, contudo, se apresentará do lado do Outro como uma exterioridade. Não sendo o Outro remetido por sob a barra da repressão, no inconsciente, apresentando-se, portanto, como exterior, no fechamento do circuito pulsional não haverá a assunção de uma condição de sujeito a partir da colocação como objeto diante do Outro. O psicótico, portanto, se apresentará como objeto para um sujeito Outro. cremos que esta forma de análise pode ser estendida a outros elementos abordados em referência às pulsões.

Deste modo, sugerimos que o aprofundamento do estudo da pulsão nas psicose poderá nos revelar que o que se apreende nas neuroses é apenas uma forma particular de funcionamento do registro do pulsional, que se poderia definir numa perspectiva mais geral. Na psicose, portanto, poderemos encontrar outras formas, particulares, de realização da articulação corpo e significante. Esta forma de abordagem em que - através da extensão do estudo de determinado objeto, inicialmente referido ao campo das neuroses, ao campo das psicoses - descortinamos outras formas de funcionamento, a partir do qual o funcionamento neurótico apresenta-se como uma situação particular, parece-nos semelhante ao encaminhamento dado por Freud ao estudar a distribuição da libido no seu texto sobre o narcisismo ou, ainda, no capítulo VII de *O Inconsciente*, ao investigar a articulação das representações no aparelho mental, por exemplo.

Cremos, enfim, que nesta dissertação apenas demos início a um trabalho que deve prosseguir em busca de maiores aprofundamentos sobre as questões aqui levantadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, S. . "La pulsion chez le schizophrène". In: *Ornicar?*, 36, 1986, pp.103-110.
- BERCHERIE, P.. Constitution du concept freudien de psychose. In: *Géographie du champ psychanalytique*. Paris, Navarin, 1988.
- BIRMAN, J. . "A prosa da psicanálise - a pulsão como intertexto". In: *Tempo Psicanalítico*, 25, 1991, pp. 47-68.
- BRAUNSTEIN, N. *La jouissance: un concept lacanien* (1990). Paris, Point Hors Ligne, 1992.
- CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- CARCELLER, C. et. alli. . "La im-pulsion en la psicosis". In: *Clinica diferencial de las psicosis*. Relatos presentados al Quinto Encuentro Internacional Buenos Aires, 13-16 de julio de 1988. Buenos Aires, Manantial, 1988, pp. 152-154.
- DARMON, M. . *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- DESCARTES, R. (1637) Discours de la méthode. In: *Oeuvre et lettres*. Paris, Gallimard, 1953, pp. 125-179.
- FERREIRA, A.B.H. . *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 (2ª ed).
- FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies* (1891). Paris, PUF, 2a ed., 1987.
- . *ESB( Edição Standard Brasileira)*, vols I - XXIV, Rio de Janeiro, Imago, 1972-80 ( volumes relacionados abaixo referem-se a esta edição)
- . *As neuropsicoses de defesa* (1894), vol. III.
- . *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa* (1896), vol. III.

- . *A interpretação dos sonhos* (1900), vols. IV e V.
- . *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), vol. VII.
- . *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910), vol. XI.
- . *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911), vol. XII.
- . *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), vol. XIV.
- . *Os instintos e suas vicissitudes* (1915a), vol. XIV.
- . *O inconsciente* (1915b), vol. XIV.
- . *Repressão* (1915c), vol. XIV.
- . *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917a), vol. XIV.
- . *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* (1917b), vol. XVII.
- . *Além do princípio do prazer* (1920), vol. XVIII.
- . *O ego e o id* (1923), vol. XIX.
- . *Neurose e psicose* (1924a), vol. XIX.
- . *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924b), vol. XIX.
- . *A negativa* (1925), vol. XIX.
- . *Esboço da psicanálise* (1940), vol. XXIII.
- . *Rascunho H* (1950a), vol. I.
- . *Rascunho K* (1950b), vol. I.
- . *Carta 46* (1950c), vol. I.
- . *Carta 52* (1950d), vol. I.
- . *Projeto para uma psicologia científica* (1950e), vol. I.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia*, vol. 3. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.
- JURANVILLE, A. *Lacan e a filosofia* (1984). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- LACAN, J.- *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (1932). Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

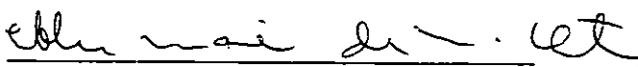
- . *Écrits*. Paris, Seuil, 1966:
- . (1949). "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je", pp. 93-100.
- . (1954). "Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur le 'verneinung' de Freud", pp. 381-399.
- . (1957). "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", pp. 493-258.
- . (1958a). "La signification du phallus", pp. 685-695.
- . (1959). "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", pp. 531-583.
- . (1960). "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", pp. 793-827.
- . (1964). "Du 'Trieb' de Freud et du désir du psychanalyste", pp. 851-854.
- . *O seminário*. Livro I (1975a). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- . *O seminário*. Livro II (1978). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- . *O seminário*. Livro III (1981). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.
- . *O seminário*. Livro VII (1986). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- . *O seminário*. Livro XI (1973). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- . *O seminário*. Livro XX (1975b). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985 (2<sup>a</sup> ed. bras.)..
- . *Les formations de l'inconscient* (1958b). Séminário inédito.
- . *A Identificação* (1961). Séminário inédito.
- . *Televisão* (1974). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- LACÔTE, C. *Jouissance*. In: CHEMAMA, R.. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993.
- LAPLANCHE, J. . *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

- & PONTALIS, J.B.. *Vocabulário da Psicanálise* (1967). Lisboa, Martins Fontes, 1983.
- LAZNIK-PENOT, MC. Por uma teoria lacaniana das pulsões. In: DORGEUILLE, C. *Dicionário de psicanálise Freud & Lacan* (1984). Salvador, Ágalma, 1994.
- MILLER, J-A.. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- QUINET, A.L.A.. *Clínica da psicose*. Salvador, Fator, 1990.
- ROZENTHAL, E. . *A construção do conceito de pulsão na obra de Freud*. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- SOUZA, N. S. . *A psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro, Campus, 1991.
- . *A propósito da psicose*. Rio de Janeiro, mimeo., 1996.
- SCHREBER, D. P. . *Memórias de um doente dos nervos* (1903). Rio de Janeiro, Graal, 1985 (2ª ed. bras.).
- SIMANKE, R. T. . *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.
- WOLFSON, L. . *Le schizo et les langues*. Paris, Gallimard, 1970.
- . *Ma mère, musicienne, est morte...* Paris, Navarin, 1984.
- ZIZEK, S. *Eles não sabem o que fazem; o sublime objeto da ideologia* (1990). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

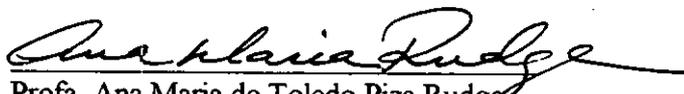
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Mauro Reichtand intitulada "A Pulsão na Psicose: Uma articulação por se concluir", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof. Octavio Souza (Orientador)  
PUC/Rio



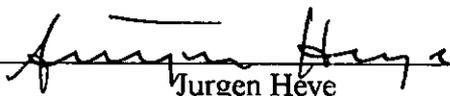
Profa. Esther Maria de Magalhães Arantes  
PUC/Rio



Profa. Ana Maria de Toledo Piza Rudge  
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 24/6/97



Jurgen Héye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas